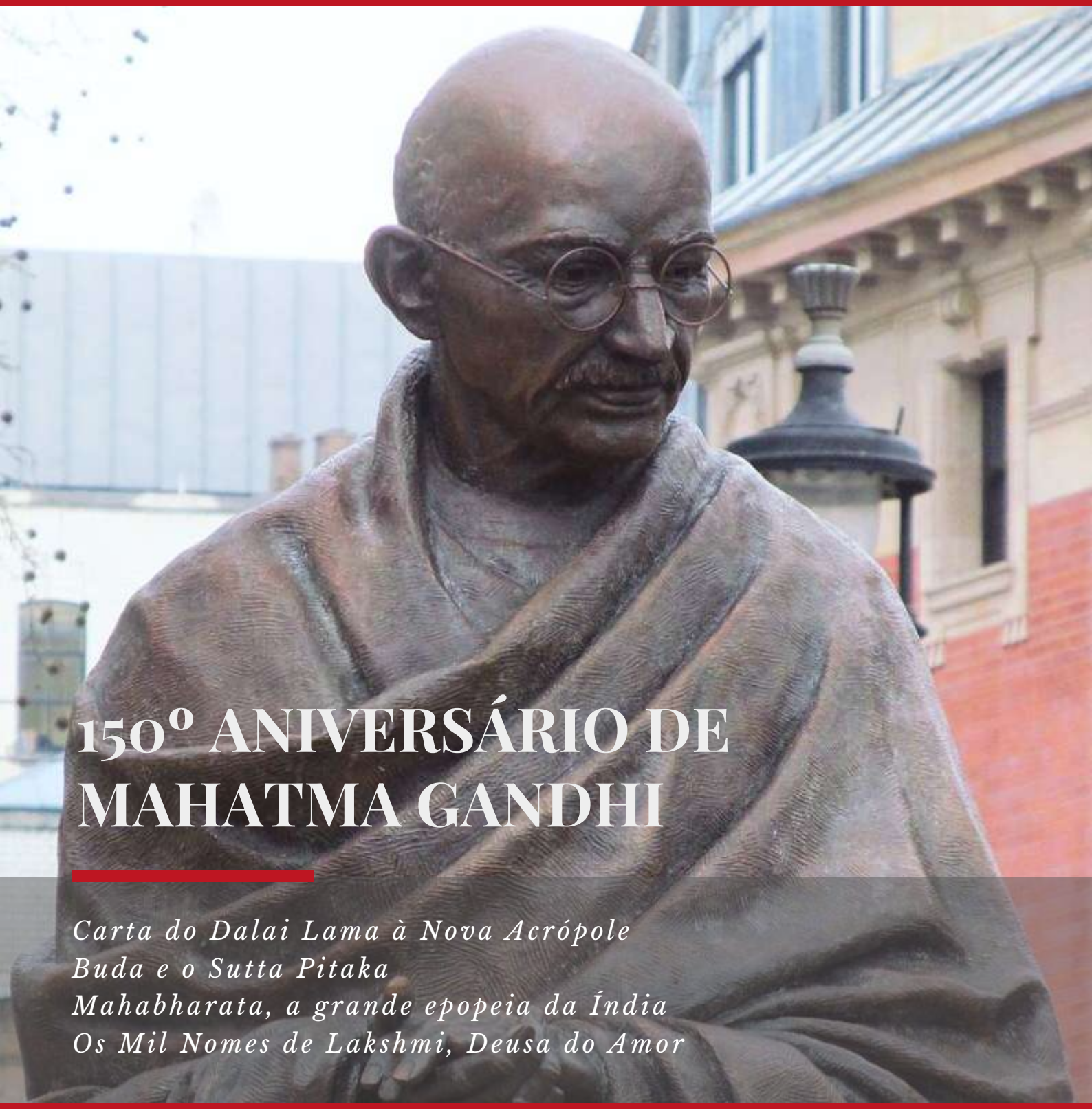
NÚMERO 1 | SETEMBRO 2019

revistapandava.pt

pandava

a sabedoria da índia



150º ANIVERSÁRIO DE MAHATMA GANDHI

Carta do Dalai Lama à Nova Acrópole
Buda e o Sutta Pitaka
Mahabharata, a grande epopeia da Índia
Os Mil Nomes de Lakshmi, Deusa do Amor

REVISTA DA NOVA ACRÓPOLE

CONTEÚDOS

3 **EDITORIAL**
– José Carlos Fernández
Diretor da Nova Acrópole em Portugal

5 **EMPOWERING REAL CHANGE - COMEMORAÇÃO DO 150º ANIVERSÁRIO DE GANDHI**
– Yaron Barzilay
Diretor da Nova Acrópole na Índia

10 **CARTA DO DALAI LAMA À NOVA ACRÓPOLE**
– Sua Santidade o 14º Dalai Lama

12 **PARA COMPREENDER GANDHI**
– Dr. Tridip Suhrud, Harianto Mehta e Manjula Nanavati

19 **COMEMORAÇÕES DO 150º ANIVERSÁRIO DE GANDHI PELA NOVA ACRÓPOLE EM PORTUGAL**

21 **SIDDHARTHA GAUTAMA - O BUDA**
– Jorge Angel Livraga (1930 - 1991)
Fundador da Organização Internacional Nova Acrópole

29 **BUDA E O SUTTA PITAKA**
– José Carlos Fernández

36 **MAHABHARATA, A GRANDE EPOPEIA DA ÍNDIA**
– José Carlos Fernández

39 **OS MIL NOMES DE LAKSHMI, A DEUSA DO AMOR**
– José Carlos Fernández

Propriedade e direitos:

Revista organizada por voluntários da
Organização Internacional Nova Acrópole - Portugal

Diretor: **José Carlos Fernández**
Diretor Adjunto: **Ricardo Louro Martins**
Editor: **Henrique Roque**

Web: www.revistapandava.pt
Email: geral@revistapandava.pt

pandava
a sabedoria da índia
REVISTA DA NOVA ACRÓPOLE

EDITORIAL

Por José Carlos Fernández

Sendo Portugal o país que, sem dúvida, abriu, com as suas viagens, a porta ao Oriente na Era Moderna, é triste o desconhecimento do público em geral da arte, literatura e filosofia da Índia, China, Japão, etc.

As primeiras traduções de grandes clássicos como a Bhagavad Gita, os livros de Confúcio ou de Mêncio, alguns dos Puranas, etc. foram realizadas por jesuítas portugueses e no entanto este país deve ser dos poucos na Europa em que não se estuda o Sânscrito na Universidade, ou só muito recentemente. Iniciativas como o "Curso de Sânscrito e Literatura Indiana" no Museu Nacional de Grão Vasco, em Viseu, pelo nosso amigo Ricardo Louro Martins são quase uma bendita excepção.

Esta revista nasce, e daí o nome, **PANDAVA**, com a intenção de despertar o interesse pela Índia antiga, na sua mais pura expressão. Pela sua excelente Filosofia, precursora, com os seus Darsanas, das Escolas de Filosofia gregas; pela literatura sânscrita; pela sua arte requintada e sagrada; pela sua história com gestas dignas de um Alexandre, mas quase desconhecidas aqui e agora; pela sua religião tão exuberante e simbólica e a sua mística tão direccionada ao mistério do Eterno, aos mil Nomes de Deus.

E fá-lo, coincidindo com a homenagem a Mahatma Gandhi nas comemorações do 150º aniversário do seu nascimento, pois ele não só foi herói artífice da independência da Índia, mas também um grande enamorado dos Ideais que a constituiram como uma civilização que foi senhora do mundo em todos os sentidos do termo.

Mas antes de tudo, **PANDAVA** quer ecoar perante os Ideais que elevaram esta Cultura Mãe e lhe deram vida, como o eco bem sonoro de um AUM prodigioso. São os ideais da primitiva Aryavarta os que ainda brilham, cristalizados no seu momento histórico, nos versos das Upanishads, ou nas alegorias dos Puranas, nos apotegmas do místico Narada, ou na gramática de Panini, na arte de viver de Artha Shastra, ou na serena compaixão da filosofia budista, na dança Bharatanatyam e um longo etcétera que de alguma forma pode enriquecer o nosso devir histórico, enobrecendo-o e inspirando-nos a melhores realizações, em todas as áreas da vida.

E como o nome indica, o grande foco de interesse, estudo e comentários será a grande epopeia do **MAHABHARATA**, um tesouro de poesia, de religião e filosofia, livro tão sagrado e poderoso como o é a Bíblia para os cristãos. E como ela, se cuidarmos de não interpretá-la literalmente, capaz de responder às mil perguntas que surjam desde o mais profundo da alma, saciando a nossa sede de viajantes que retornam a um Lar Celeste, chamados sempre pela pureza, absoluta beleza e perfeição luminosa do Fogo de Agni, ou seja, o Espírito Universal que residindo em todas as coisas as leva à culminação do seu destino.

PANDAVA porque assim são chamados os cinco heróis deste poema grandioso, o Mahabharata, e que representam as forças do divino na alma humana, como uma estrela de cinco pontas reflectidas nela. As cinco direcções da mente reinam sobre o tempo e o espaço como uma montanha ou uma pirâmide reinam sobre o horizonte.

1 – **YUDHISHTHIRA**, que representa o Dharma, a Justiça, ou seja, a Grande Lei Moral, a perfeita realeza e compaixão por tudo o que vive. O seu nome significa "firme em combate", como uma lança, mas também é chamado "aquele que não tem inimigos".

2 – **BHIMA**, cujo nome significa "terrivelmente poderoso", filho do deus do vento (Vayu), representa a Fortaleza e a defesa contra a injustiça com o seu nome "uivo de lobo" (Vrikodara).

3 – **ARJUNA**, filho do deus do céu (Indra) é a Nobreza, a perfeita cortesia e cavalheirismo, o serviço às causas justas e não egoístas.

4 e 5 – **NAKULA** e **SAHADEVA**, filhos dos Ashvins, deuses curadores, representam a Saúde, o conhecimento e o domínio harmonioso da Natureza, da humildade que nos faz dignos filhos do céu e da laboriosidade e perseverança que nos permitem ir abrindo caminho.

A esposa comum a todos eles, **DRAUPADI**, é precisamente a LUZ, o Esplendor, como filha que é do Fogo. É o eixo da pirâmide que formam ambos, ou o amor que tudo une, transforma e regenera. Se na constituição septenária do Homem e da Natureza, os Kauravas, agentes do caos representam as potências da personalidade egoísta, e os 5 Pandavas a estrela de cinco pontas da Mente Ideal (**MANAS**), Draupadi seria **BUDDHI**, a luz espiritual e essência da vida, e o próprio Krishna ao redor do qual gira toda a obra, **ATMA**. A compreensão desta cultura e dos seus ideais pode levar-nos a um mar de vivências filosóficas, espirituais e estéticas cujas brancas espumas cura-doras tão úteis serão para uma nova cultura e umas novas e generosas relações humanas.

NAMASTE! **PANDAVA**, revista de fraternidade e de concórdia, de optimismo pela natureza humana e suas vitórias sobre a adversidade. ▲

Conferência de abertura no encontro "Empowering Real Change - Leadership for a Better World, em Bombaím, na abertura das comemorações do 150º aniversário de Gandhi.

PROMOVENDO UMA MUDANÇA REAL - A VISÃO

Por Yaron Barzilay

A conferência de hoje é já a terceira apresentação que a Nova Acrópole leva a cabo em Bombaím sobre a capacidade de empreender uma verdadeira mudança.

Este ano decidimos relacionar a ideia de "Verdadeira Mudança" com o conceito de "Liderança para um Mundo melhor", atendendo a que a "Liderança" é extremamente necessária para a promoção de uma mudança positiva. Acima de tudo precisamos de nos liderar a nós próprios, antes de liderarmos os outros. Não procuramos adoptar o sentido do dever apenas para silenciar a nossa consciência por uns tempos. Pretendemos, na verdade, saber como conseguir uma mudança real e sustentável. Como podemos fazer as coisas melhor?

Portanto, precisamos de olhar para isto sob um ponto de vista filosófico inovador e ter a ousadia de falar sobre a busca da Verdade e da Sabedoria, pois é igualmente vital na acção que compete ao filósofo e ao que se espera dele. Se a filosofia é o amor à Sabedoria, também é amor ao Bom, ao Belo e ao Justo como afirmava Platão e outros filósofos.

"Alcançada a Verdade, a Beleza e a Bondade surgirão em ti" disse Mahatma Gandhi. Será que se pode procurar o Bem sem se Fazer Bem, sem Ser Bom?

Há 60 anos foi esta a visão do Prof. Jorge Angel Livraga, fundador da Nova Acrópole, falando de um Mundo Novo e Melhor, através de novos e melhores Seres Humanos. Para muitos homens e mulheres ainda hoje continua a ser uma inspiração viva.

"Conhece-te a ti próprio" é um princípio fundamental de Filosofia. É sobre a descoberta do Eu, do Mundo à nossa volta. É sobre interioridade, compreensão, finalidade, alegria, ética e acção correcta. É por isso natural que liguemos a ideia de atingir uma mudança real ao 150º aniversário de Mahatma Gandhi, que será realizado em Outubro de 2019. Quem mais pode representar melhor a ideia de Liderança na procura da Verdade?

Quantos abertamente partilharam connosco as suas experiências pessoais com a Verdade? Quantos líderes falaram sobre as suas próprias vidas como uma mensagem que querem deixar aos outros?

"Apenas a verdade perdurará, e tudo o resto será varrido pela maré do tempo."

GANDHI

Colóquio de Yaron Barzilay, Pierre Poulain e Fernand Schwarz na conferência "Empowering Real Change - Leadership for a Better World", em Bombaím, na abertura das comemorações do 150º aniversário de Gandhi.

Na Índia as Upanishades continuam a relembrar-nos:

"Apenas a Verdade triunfa."

Mahatma Gandhi é peremptório ao afirmar:

"Apenas a verdade perdurará, e tudo o resto será varrido pela maré do tempo."

Podemos pronunciar a palavra sustentabilidade sem nos referirmos à realidade como uma verdade camuflada?

Numa época em que "a pós-verdade" e as "fake-news" se tornaram palavras comuns, justifica-se falarmos sobre a necessidade de uma "mudança real" baseada na busca da "Verdade", numa filosofia do que é real.

É necessário um verdadeiro rumo, a procura por uma visão mais abrangente. Talvez isso não nos livre de cometer muitos erros. Mas se a nossa procura for sincera, estaremos prontos para aprender e para nos corrigirmos.

É precisamente por este motivo que olhamos para Gandhi como uma fonte de inspiração, de "Liderança" para um "Mundo Melhor", exactamente como ele foi para tanta gente na Índia e em todo o Mundo.

Na conferência de hoje queremos aprender com os nossos maravilhosos oradores, eles próprios líderes e impulsionadores de mudança em várias áreas.

O que é necessário para fazer uma mudança positiva?

O que aprenderam com a sua experiência pessoal?

Não só o que é necessário fazer, mas talvez muito mais, o que é necessário ser, o que cada um necessita ser?

Como ambicionar e inspirar uma mudança positiva e sustentável à nossa volta? Qual poderá ser a melhor abordagem?

Iremos concluir a conferência de hoje aprendendo aquilo que a Nova Acrópole deseja partilhar através dos seus associados em mais de 60 países, com cerca de 500 centros espalhados pelo mundo e muitos milhares de voluntários e participantes.

Gostaríamos de convidar todos para nos acompanharem neste aniversário especial do nascimento de Mahatma Gandhi, seguindo o seu relevante exemplo de liderança filosófica, tão necessária no mundo actual.

É inevitável a necessidade de mudança do nosso mundo.

Nós necessitamos dessa mudança. Nós próprios temos de mudar. Muitos estão cientes disso.

Mas como é que isto se pode alcançar? Com uma mudança social, educativa ou económica? Será que é preciso legislar de modo mais restritivo para preservar a natureza, os animais, o clima para atingir um equilíbrio ecológico mais aceitável? Será que tudo isto será suficiente?

À medida que a variedade de soluções surgem, parece que a lista de desafios aumenta!

Poderá o mundo ser um lugar melhor sem que cada um aspire ser melhor? Hoje em dia temos ao nosso alcance meios como nunca antes existiram. Mas, apesar de tudo isto, nem a fome nem a doença desapareceram do nosso mundo e muito menos a ganância.

É óbvio que o progresso e a tecnologia não servem necessariamente causas justas. Nós estamos cientes do crescente poder da tecnologia, da inteligência artificial, da biotecnologia e dos sistemas de recolha de dados. Estes são meios que podem na verdade ajudar a humanidade a avançar, mas também representam um grande perigo que se torna mais real na ausência de vigilância, de responsabilidade e na falta de ética.

Poderá o mundo ser um lugar melhor sem que cada um individualmente aspire ser melhor? Será que é possível uma mudança positiva sem uma mudança do Homem, da sua consciência, da aproximação à sua interioridade e ao mundo à sua volta?

Mesmo esse caminho no sentido de uma mudança positiva, a necessidade de discernir sobre o que é correcto e o que é menos correcto, parece ser hoje rejeitado.

Há uma negação generalizada sobre a existência da Verdade, de uma realidade Universal que é inclusiva e objectiva a que temos de fazer referência de modo a construirmos estruturas sustentáveis; num mundo tão fortemente bombardeado e assoberbado pela quantidade de informação e estímulo, com uma constante aceleração e movimento, parece quase natural adoptar uma atitude de indiferença em relação ao que lemos, ouvimos ou vemos; é muito fácil desenvolver uma apatia generalizada em relação ao mundo que nos rodeia, onde as tragédias reais da vida se misturam com o entretenimento e as fronteiras entre o real e a ficção se diluem.

Um mundo sem Verdade é um mundo à deriva, sem significado, sem objectivos e sem valores concretos. Um mundo assim é incapaz de lidar com crises. Ou talvez, pelo contrário, amplifica-as e pode até ser a causa principal da existência das mesmas.

Se conseguirmos descobrir a principal causa das crises que afectam o Homem, também é necessário ter presente que dentro de nós reside a solução, e que temos a capacidade de nos transformarmos naquilo que gostaríamos de ver no mundo. O objectivo é, portanto, o renascimento do Homem.

Este é exactamente o modo de vida filosófico: uma filosofia viva que é expressa na acção e no "ser", e no bem que conseguimos assimilar em nós próprios. É um caminho em que as mãos agem em harmonia com o coração e com a mente, em serviço e devoção e numa aprendizagem incansável. A educação filosófica ensina-nos que essencialmente estamos em união com a vida, vida essa que pulsa através de todo o Universo. Nós próprios somos uma força activa de vida e por isso, também, uma força real de mudança e uma força de esperança.

Confrontados com os muitos desafios actuais que nos podem levar ao abismo, como é que podemos ouvir a chamada e perceber a grande oportunidade?

Porque os desafios não nos levam necessariamente para o abismo; também nos podem conduzir ao céu. A escolha é sempre nossa; é um poder que está sempre dentro de nós. Ninguém nos pode tirar a capacidade de escolher, de responder e de nos responsabilizarmos pela história de que fazemos parte.

A filosofia pode construir pontes entre o passado e o futuro. Proporciona uma verdadeira transformação do coração e permite a verdadeira passagem do egoísmo para o altruísmo assim como nos dá a capacidade de abraçar o outro.

É urgente o desenvolvimento de uma melhor economia, da educação, da ciência, da tecnologia, do envolvimento político, da arte e da cultura e de ver a sociedade como um todo. Isto dar-nos-á um alento em todos estes aspectos vitais e conduzirá a uma revolução, porque uma revolução de percepção, atenção e objectivos é realmente necessária!

Filosofia, o amor à sabedoria, pode oferecer a possibilidade de mudança real dentro de nós próprios e no mundo; a possibilidade de renovação e renascimento. Pode transformar uma necessidade desesperada em gloriosa esperança.

Nas palavras de Mahatma Gandhi:

> *"Quem procura a verdade, quem segue a lei do amor, não pode ter receio do amanhã."*

Como o principal herói de Platão na alegoria da caverna – Gandhiji – procura a luz do sol fora da caverna de sombras e ilusão, enquanto que ao mesmo tempo luta para ajudar os que ainda estão lá dentro. Isto representa o ideal filosófico-político no mais nobre sentido da palavra.

É interessante notar que talvez a frase de Gandhi mais conhecida globalmente: "Sê a mudança que desejas ver no mundo" nunca tenha sido dita por ele... por isso, aqui, não lha atribuímos (e não me ouviram dizê-lo). No entanto, é uma descrição muito adequada sobre o que toca tantos corações pelo mundo inteiro – uma inspiração de Gandhi – do que sobressai tão vincadamente dos seus pensamentos e acções. Arriscar ser a mudança que se deseja ver. Tão simples, e ainda assim, tão forte e correcto!

O nosso propósito, hoje, nesta conferência, não é sugerir que se tornem seguidores de Gandhi. Isso é, de qualquer modo, uma decisão individual sobre o que seguir. Mas sim, nós queremos desafiar o espírito de ousar oferecer uma mudança. Mudar através do nosso exemplo pessoal, através da nossa própria vida, mudar em busca de uma liderança para alcançar um Mundo Melhor. Através do nosso painel de hoje, gostaríamos de explorar diferentes ângulos de abordagem em termos educacionais, sócio-económicos, ecológicos e filosóficos que vão para além de soluções inócuas.

Procuramos uma atitude prática que considere uma mudança sustentável. Desejo a todos um dia maravilhoso, que disfrutem, cheio de inspiração.

Obrigado! ▲

CARTA DO DALAI LAMA À NOVA ACRÓPOLE DA ÍNDIA

Sua Santidade o 14º Dalai Lama, Tenzin Gyatso

Tenho o prazer de saber que esta conferência, Empowering Real Change: Leadership for a Better World (Promovendo Mudanças Reais: Liderança por um Mundo Melhor), será realizada em comemoração do 150º aniversário do nascimento de Mahatma Gandhi. Eu considero-me um seguidor de Gandhiji. Na minha primeira visita à Índia em 1956, visitei Rajghat e fiquei profundamente comovido enquanto orava nas margens do Rio Yamuna. Pergunto-me que conselho sábio Mahatma Gandhi poder-me-ia ter dado. E então, um inverno, ao voltar ao Tibete, tive um sonho em que conheci Mahatma Gandhi.

Desde então, o envolvimento de Mahatma Gandhi na antiga sabedoria indiana foi uma grande inspiração para mim. Um dos meus compromissos de vida é espalhar a mensagem de Ahimsa e Karuna. Infelizmente, sinto que estamos a enfrentar uma crise moral causada pelo foco da sociedade na riqueza e no desenvolvimento material, à custa da nossa necessidade humana básica de bondade, compaixão e preocupação para com os outros. Para que as nossas gerações mais jovens possuam estes positivos valores vitais, é essencial que o nosso sistema educacional ensine estas qualidades para ajudá-las a tornarem-se pessoas felizes, como famílias que vivem juntas numa sociedade feliz.

Devemos apreciar a unidade da humanidade e a responsabilidade que cada um de nós tem em promovê-la. Uma estrutura educacional que encoraja as pessoas a desenvolver valores internos é essencial e isto deve ser feito de maneira secular, para que seguidores de todas as tradições religiosas sejam incluídos, bem como o número crescente de pessoas que não possuem uma crença religiosa específica; todos querem felicidade e todos querem ser livres de sofrimento, seguidores de uma religião ou não.

Eu estou empenhado em reavivar o interesse no pensamento indiano antigo, pois acredito que isto pode ser de imenso valor na transformação das nossas emoções destrutivas e na promoção de qualidades internas básicas. Tão necessário quanto cultivar a higiene física e a boa forma física, é cultivar também a higiene emocional e aprender a lidar com as nossas emoções destrutivas, o que é essencial para a boa forma mental.

Nesse contexto, elementos da sabedoria indiana antiga podem ser imensamente úteis. A Índia é única quanto a possuir o potencial de combinar o seu conhecimento antigo com a educação moderna, a fim de desenvolver paz de espírito. Eu sou encorajado pelo crescente interesse que encontro entre os jovens indianos, que espero poderem contribuir para o desenvolvimento holístico e na aplicação de antigas técnicas indianas para promover um estado de espírito positivo, neste país e, eventualmente, no resto do mundo.

Espero que estas ideias possam ser discutidas durante a conferência e que possam ser incorporadas nas suas atividades. Isso seria, acredito, uma maneira significativa de prestar homenagem a Mahatma Gandhi. ▲

THE DALAI LAMA

MESSAGE

I am pleased to know that this conference, Empowering Real Change: Leadership for a Better World, is being hosted to commemorate the 150th anniversary of Mahatma Gandhi's birth. I consider myself a follower of Gandhi-ji. On my first visit to India in 1956 I visited Rajghat and was deeply moved as I prayed on the banks of the Yamuna. I wondered what wise counsel Gandhi-ji might have given me. And then, one winter upon my return to Tibet, I had a dream in which I was meeting the Mahatma.

Ever since, Gandhi-ji's engagement in ancient Indian wisdom has been a great inspiration to me. One of my life commitments is to do whatever possible to spread the message of Ahimsa and Karuna. Regrettably, I feel that we are facing a moral crisis caused by our society's over-emphasis on wealth and material development, at the expense of our basic human need for kindness, compassion and concern for others. In order for our younger generations to possess these vital positive values it is essential that our education system teach these qualities to help them become happy people with happy families living together in a happy society.

We must appreciate the oneness of humanity and the responsibility that each of us has in promoting it. An educational framework that encourages people to develop inner values is essential and must be done in a secular way so that followers of all faith traditions are included, as well as the growing number of those who do not hold to a particular religious belief; all want happiness and all want to be free of suffering, whether they follow a religion or not.

I am committed to reviving interest in ancient Indian thought, as I believe this can be of immense value in transforming our destructive emotions and promoting basic inner qualities. As necessary as physical hygiene is to maintaining our physical fitness, cultivating emotional hygiene and learning to tackle our destructive emotions is essential to mental fitness. In this connection, elements of ancient Indian wisdom can be immensely helpful. India is unique in possessing the potential to combine its ancient knowledge with modern education in order to develop peace of mind. I'm encouraged by the growing interest that I find among young Indians who will hopefully contribute to the holistic development of applying ancient Indian techniques to bring about a positive state of mind, in this country and eventually throughout the world.

I hope that these ideas can be discussed during your conference and that they might be incorporated into your activities. This would, I believe, be a meaningful way of paying homage to Mahatma Gandhi.

4 October 2018

Carta do Dalai Lama à Nova Acrópole da Índia por altura da conferência Empowering Real Change - Leadership for a Better World", em Bombaim, na abertura das comemorações do 150º aniversário de Gandhi.

Sr. Tripid Suhrud, na conferência Empowering Real Change - Leadership for a Better World

PARA COMPREENDER GANDHI

Entrevista com o Dr. Tripid Suhrud,
Por Harianto H. Meta e Manjula Nanavati - The Acropolitan Magazine (Índia)

Como líder de um movimento anti-violência civil que lutou pela independência de uma nação, Mohandas Karamchand Gandhi foi cognominado de "activista espiritual", um corajoso lutador pela liberdade, ou um político hábil.

Num estilo de vida profundamente ascético, sem comprometer o código de ética, bem como com profunda conexão e profundo respeito pelos direitos humanos, foi seguido por multidões, foi aclamado como se fosse um Santo, sendo-lhe atribuído o título de honra "Mahatma". Pode dizer-se que com a sua profunda influência em grandes líderes mundiais, como Nelson Mandela ou Marthin Luther King, terá contribuído para o curso da História.

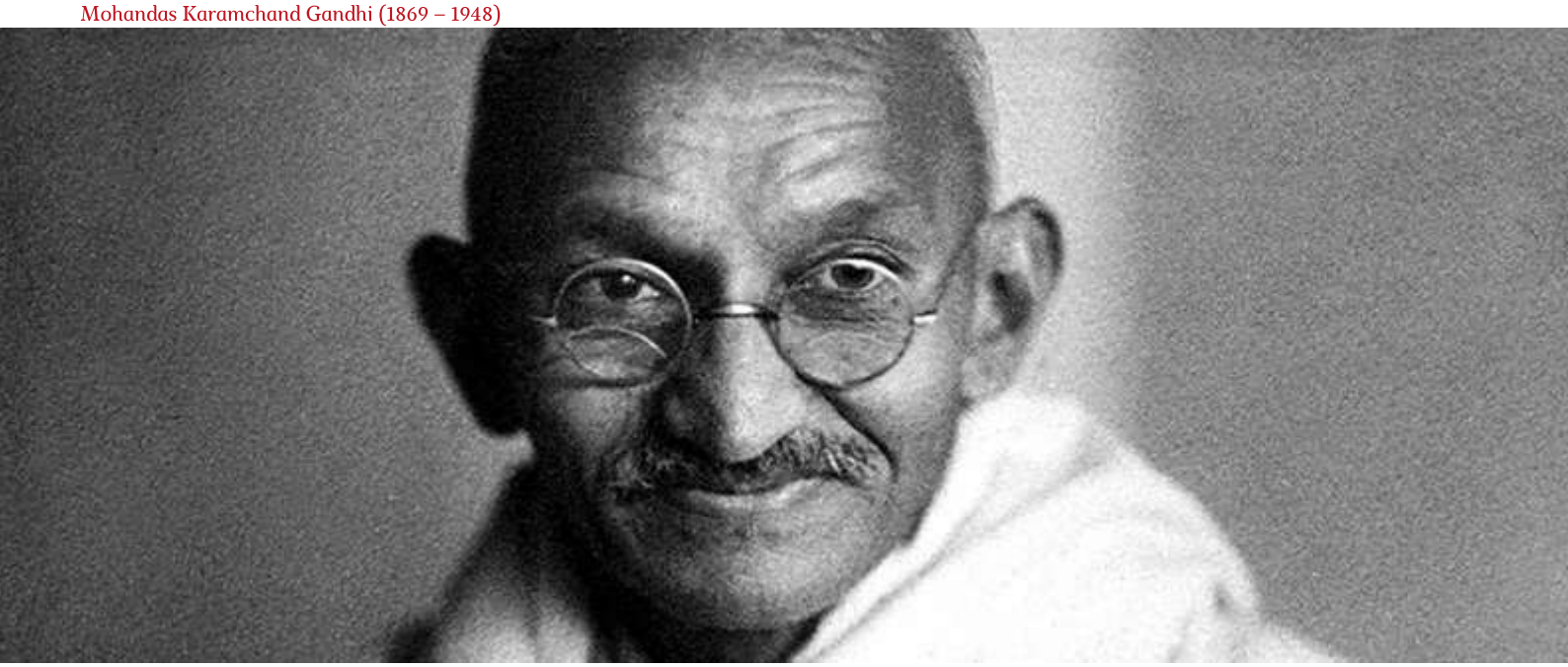
Para compreendermos a verdadeira dimensão da obra deste homem, é necessário apelar à reflexão. Se captarmos o espírito dos seus ideais elevados, poderemos alcançar uma ferramenta prática e efectiva para a transformação e equilíbrio da sociedade dos dias actuais.

Para prestar uma homenagem à sua implacável busca pela Verdade, na altura do 150º aniversário do nascimento de Gandhi, a revista "The Acropolitan Magazine" encontrou-se com o estudioso "Gandhiano" e historiador cultural, o Dr. Tripid Shurud.

Na qualidade de director do "Sabarmati Ashram Preservation and Memorial Trust", foi o fundador do Portal do Legado de Gandhi. O Dr. Shurud é fluente nas três línguas com que Gandhi escreveu, é autor de inúmeras obras literárias, incluindo "Beloved Bapu: The Mirabehn-Gandhi Correspondence", bem como uma edição bilingue "Hind Swaraj" de Gandhi. Actualmente está a trabalhar na tradução dos diários do "Manu" Gandhi, e também num projecto de vinte volumes intitulado "Cartas a Gandhi". O Dr. Shurud é considerado um especialista na vida, nos livros e na tradição intelectual de Gandhi. Seguem-se os excertos da conversa.

REVISTA ACROPOLITAN (RA): O estilo de vida profundamente ascético de Gandhi é lendário. Ele valorizou muito a necessidade de desenvolver um auto-controlo muito rigoroso na sua dieta, na indumentária, na castidade, nos medicamentos, quase a ponto da obsessão. No seu ponto de vista, o que poderá ter despoletado este nível tão elevado de auto-domínio?

Mohandas Karamchand Gandhi (1869 – 1948)



DR. TRIPID SHURUD (SHURUD): Simplesmente, isso veio da necessidade que Gandhi teve de "ver" Deus "frente-a-frente". A questão que se põe é se alguém conseguirá ver Deus "frente-a-frente" quando vive num corpo físico? Ao que Gandhi responde que isso é uma ilusão, nenhum ser humano pode ver ou estar com Deus "frente-a-frente". Ou seja, estando num corpo, vivendo num corpo físico, não se pode almejar ver Deus. Isto é uma questão filosófica de longa data no entendimento da relação entre a mente e a matéria. E Gandhi sabia-o, estava consciente disso. Disse que temos a aptidão para ouvir a "voz de Deus", a "voz da Verdade". Para Gandhi, há dois requisitos que o tornam possível: o primeiro é o despertar a nossa capacidade intrínseca de ouvir a voz interior, e o segundo é a capacidade de nos conectarmos com o mundo ao comando dessa voz.

Gandhi fala-nos da voz de Ravana, a não-verdadeira – o ego -, e na voz de Rama, a verdadeira. De forma a desenvolvermos a capacidade de distinguir estas duas vozes, para que saibamos estar a ouvir a "voz da verdade", é necessário dominar os sentidos, a mente (do ego) e os desejos. A menos que os sentidos se encontrem em harmonia, não se pode alcançar o que se chama de uma profunda consciência. E para Gandhi, todos os desejos/tentações, quer surjam da mente ou do corpo, vão ser satisfeitos através das vivências do corpo físico. É efectivamente o corpo que sente o desejo, é através dele que revelamos a insatisfação ou acusamos a saciedade, é onde residem a dor e o prazer. E sabendo que o corpo é um impedimento, a forma de lidar com isso é subjugar o corpo a uma vontade superior da mente pura, guiada pela consciência. Pois se o corpo toma um caminho diferente do da vontade superior da mente pura, então teremos um problema.

"Só é possível ser-se líder depois de nos tornarmos líderes de nós próprios, e de diminuirmos continuadamente a distância que separa as palavras das acções."

RA: Satyagraha pode ser traduzido como a "Força da Verdade", mas também nos remete para episódios de desobediência cívica, falta de cooperação ou resistência passiva. O conceito teve um impacto além do contexto político. Qual foi o princípio subjacente que orientou o Satyagraha?

SHURUD: O que é afinal um acto de Satyagraha? Quando devemos ou podemos desobedecer? Gandhi disse que se desobedece quando algo é tão repugnante para a consciência que se escolhe obedecer a uma Lei superior.

RA: Mas este tema não se mostra demasiado subjectivo?

SHURUD: Sim, claro. Gandhi defende que o nosso sentido de verdade deve sempre ter em conta a possibilidade de poder estar errado.

Por isso, o Satyagraha é um processo que prevê o diálogo. Em qualquer percurso de busca da verdade deve ser considerada a hipótese de se estar errado. E neste alinhamento vem outra questão, é possível ter-se uma noção de verdade relativa que seja capaz de nos levar no caminho da verdade absoluta? O que nos transporta para uma outra questão filosófica antiga: a verdade é absoluta, ou é relativa?

A resposta de Gandhi a esta questão profunda é muito simples. Não se pode entender a verdade em toda a sua plenitude. Defendeu a noção de verdade "Budista" ou "Jainista", que diz que a verdade revela múltiplas "facetas"... anekantavada, ou "anek anta", ou seja, imensos desfechos possíveis para o caminho da busca da verdade. A verdade sempre terá múltiplas interpretações, e cada um poderá vislumbrar uma parte da verdade.

Deste modo, na aplicação prática do Satyagraha, não há questões não-negociáveis. Um Satyagrahi sempre está aberto à negociação. Não é de todo uma estratégia de actuação. É um princípio filosófico que sempre considera que pode haver verdade na palavra do outro. Até um acto de grande injustiça pode revelar algo de verdadeiro.

RA: Gandhiji disse: "A experiência mostrou-me que o civismo é o maior desafio do Satyagraha". O que significa concretamente "civismo" no contexto do Satyagraha?

SHURUD: Civismo em duas vertentes. Primeiramente reconhecer que aquilo que é verdadeiro para nós pode não ser para o outro. Considerar sempre que o nosso semelhante é tão capaz de alcançar a verdade quanto nós próprios. Pois se um homem duvida da capacidade do outro de agir sob a verdade ou tão-pouco reconhecer a verdade, sabes o que o Satyagraha vai dizer? Que o cego é ele que se julga superior, pois se não vê além da "sua verdade", não conseguirá ver a verdade onde quer que esta se lhe apresente.

Assim sendo, podemos dizer que civismo é quando eu respeito a tua verdade. O Satyagraha é a única forma de protesto que admite a existência de verdade no outro. E é por isto que Gandhi não viu ninguém como inteiramente "mau". O que Gandhi transmitiu aos Britânicos, a quem reivindicava a liberdade dos indianos, foi que também eles, seus rivais, podiam alcançar a verdade. E tudo o que está no escuro pode brilhar com alguma luz.

RA: Como se pode nutrir este civismo, ou reacender a luz, essa vontade de despertar para a verdade?

SHURUD: Pela conduta. Pelo exemplo justo.

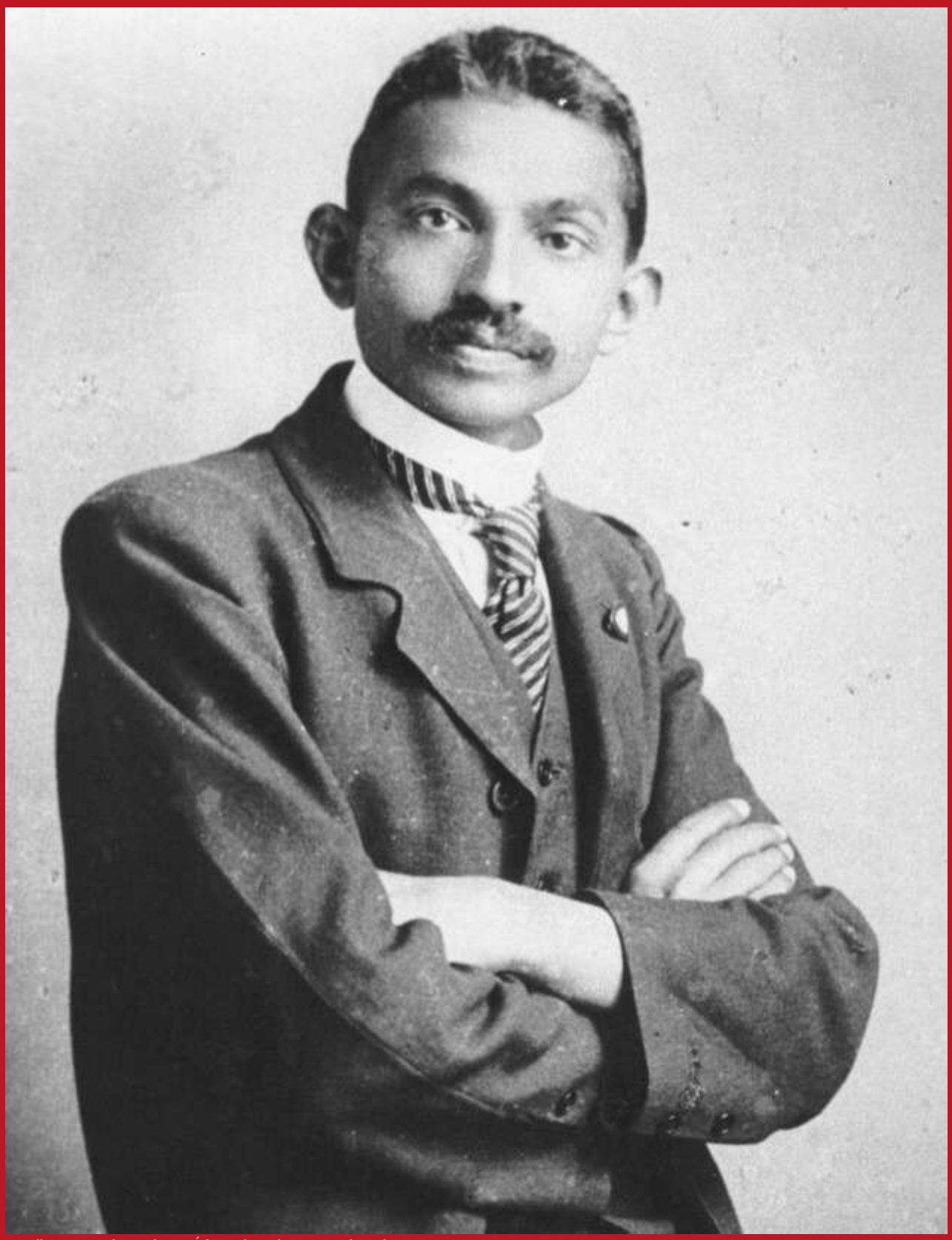
RA: Gandhi considerava o exemplo importante quando temos uma posição de liderança?

SHURUD: Sempre. E não apenas para Gandhi, mas para qualquer pessoa que procure melhorar, que deseje qualquer tipo de transformação, deve começar por si própria. Isto é, se eu te peço para melhorares os teus hábitos de consumo, devo começar por melhorar os meus. Do mesmo modo que se peço a alguém que melhore o seu temperamento explosivo nas relações, devo primeiro colocar a minha consciência na forma como me relaciono com os outros. Se te peço para te sujeitares à prisão em prol da luta pela liberdade, eu sujeito-me a ir para a prisão lutar ao teu lado?

Gandhi diz que só é possível ser-se líder depois de nos tornarmos líderes de nós próprios, e de diminuirmos continuadamente a distância que separa as palavras das acções.

RA: A liderança pode revelar-se uma questão extremamente complexa. A vida não é "preto no branco", precisa enfrentar os dilemas espirituais e éticos. Quais foram afinal estes dilemas morais, e como é que Gandhi os ultrapassou?

Gandhi em Calcutá, 16 de Abril de 1938: Gandhi sai da prisão presidencial em Calcutá depois de entrevistar prisioneiros políticos (fotografia Keystone/Getty Images)



Gandhi como advogado na África do Sul. 1906. Wikipedia

Gandhi em Lancashire, 1 de Janeiro de 1931: o líder indiano Mahatma Gandhi é recebido por uma multidão de mulheres trabalhadoras têxteis, durante a sua visita a Darwen. (Fotografia de Keystone/Getty Images)

SHURUD: O conceito da não-violência é muito controverso. O que é suposto fazermos se a polícia vem contra nós? Embora a lei preveja a auto-defesa, a pergunta é: o Satyagrahi pode atacar aquele que o agride? A resposta de Gandhi é: Não. Um verdadeiro Satyagrahi não ataca para se defender.

RA: Então o que deve fazer numa situação dessas?

SHURUD: Nada. Não reagir, deixar-se bater, até ao ponto de que o agressor se aperceba o como é vão o seu acto de violência.

RA: Mas não é digna a luta pela justiça? Não haverá conivência com a injustiça se optar pela não-acção?

SHURUD: Gandhi adopta um ponto de vista divergente. O papel do Satyagrahi é dizer ao agressor: "Pratica o mal. Se tirares a minha vida vais satisfazer a tua sede de violência, então continua... fá-lo." É uma atitude extrema, e não é que ele não o tenha feito.

Um dos seus grandes desafios foi o piquete que ocorreu em 1930 nas Minas de Sal do Dharasana. Os Satyagrahis transpuseram a cerca de arame farpado que protegia as salinas, e foram atacados, dia após dia, semanas a fio. Os registos médicos mostram que daqueles que sofreram ferimentos, nenhum apresentou lesões nas mãos ou nos braços. As lesões ocorreram nos ombros e cabeça. Gandhi pediu a estes trabalhadores para não levantarem sequer uma mão, nem mesmo para proteger a cabeça. Ele acreditava que a única resposta possível para aquele tipo de violência era a completa ausência de violência.

Este episódio captou a atenção da opinião pública mundial, e colocou em causa a legitimidade da actuação das colónias britânicas. O mundo viu o acto de total não-violência como uma prova na futilidade do uso da violência como meio legítimo de subjugar as pessoas.

RA: Por outras palavras, um mundo civilizado não pode justificar o uso de meios não civilizados?

SHURUD: É isso. A questão fundamental é: qual é a relação entre os meios e os fins? Ao acreditar que o fim é bom, não importam os meios que usamos para o atingir? Nós queremos liberdade, e devemos pagar qualquer preço? Gandhi diz que não.

Há uma relação inviolável entre os meios e os fins – os meios são como sementes que nos dizem os frutos que vamos colher. Então, se tu alcanças a liberdade através de um acto de violência, a violência passará a ser um meio legítimo para essa sociedade, que não poderá assim aspirar tornar-se uma sociedade livre de violência, livre de exploração e justa. Quando na origem há a crença de que qualquer meio é aceite, como vamos evitar que futuramente não surjam actos violentos entre os homens dessa sociedade?

O colectivo passa a crer que os seus motivos são nobres. Os que atacam para defender as sagradas vacas, usarão da violência, alegando a sua legitimidade. É este o caminho? Gandhi diz que é o que vai acontecer se a violência e a exploração forem aceites como meios justos para atingir os fins.

Gandhi em Londres, 22 de Setembro de 1931. Uma multidão admiradora testemunha a chegada de Gandhi depois de ter feito um convite para falar com Charlie Chaplin. (fotografia da London Express/Getty Images)

RA: Gandhiji referiu a "verdadeira civilização como aquele modo de conduta que aponta ao homem o caminho do dever". Ele não faz referência a direitos inalienáveis, mas sim a deveres. A que tipo de deveres se referia Gandhi concretamente?

SHURUD: Gandhi diria não à violência. Não à exploração. Devem ser criadas as condições para que cada ser humano possa explorar o seu potencial. Se mais ninguém se preocupa, é nosso dever criar as condições facilitadoras, o que chama de "tutela"; não por compulsão, mas pela obrigação moral do dever, que é a base de qualquer trabalho filantrópico. Não se pode alcançar a filantropia ou a tutela, sem um sentido de dever para com a sociedade.

O facto de haver actualmente uma lei que regula a Responsabilidade Social Corporativa (RSC) é um sinal de que o "rico" perdeu a sua noção do dever. Se cada um cumprisse com o seu dever social e humanitário de forma voluntária, não teria havido a necessidade de criar uma lei que obrigasse à responsabilidade social.

Por isso não vejo que isto seja um bom indicador, pelo contrário, mostra falta de mérito. Este sentido do dever é fundamental para qualquer sociedade. Não creio ser possível ter uma sociedade harmónica, sem que cada uma das partes reconheça as suas obrigações para com o colectivo. A justiça define os teus direitos, mas não os teus deveres, e esta distinção é de extrema importância.

RA: Não terá sido Gandhi um pouco "ingénuo"? Já que os deveres são de carácter bastante pessoal.

SHURUD: Não, não são. O que significa pessoal? A ideia da individualidade atinge-nos a todos nós, certo? Por exemplo, todos dizemos "Esta é a minha cidade". O facto de sentirmos preocupação com as alterações climáticas – é pessoal? Claro que é. Iriamos dizer que a preocupação é nossa, que nos pertence, mas também é dos que nos sucederão. Ou seja, o que temos como nosso, na verdade, abrange as gerações vindouras.

RA: Gandhi pensava ser uma obrigação a tarefa de ampliarmos gradualmente o que se pode chamar de âmbito de dever pessoal.

SHURUD: Sim. Por exemplo, o que significará a individualidade para um líder?

RA: Os seus seguidores são parte integrante da sua individualidade.

SHURUD: Precisamente. O líder reconhece isso. E líderes como Gandhi que, paulatinamente, ampliam o sentido de dever pessoal, até alcançarem também os que lhes são alheios.

RA: Gandhiji nunca escondeu o quanto a civilização moderna o angustiava. Defendeu a sua forma de vida muito própria, e levantou várias questões controversas em Hind Swaraj; onde expressa o seu desagrado face a advogados, médicos, hospitais, ferrovias... No seu grito de guerra em que apela ao regresso à origem, o que pretendeu Gandhi transmitir e iluminar?

SHURUD: Não penso que devamos interpretar o Hind Swaraj à letra. Não esqueçamos que se trata de uma obra filosófica. Não é um texto pragmático.

Temos que ter em conta que esta obra foi escrita numa época em que o que hoje chamamos de modernidade não existia. Quando Gandhi a escrevia, em 1908, a inovação tecnológica era apenas uma possibilidade. Havia, inclusive, muito mais vida além da modernidade, e o que hoje consideramos obsoleto, já foi actual.

Gandhi via a evolução com uma forma de alterar o foco do valor humano, para o exterior, para os objectos. Filosoficamente pode dizer-se que transfere o sentido de bondade humana ou virtude para um objecto, que é o que hoje denominamos de consumismo. Eis a questão. Essa é a primeira. Segunda: temos que admitir que a colonização estava directamente ligada à inovação. A industrialização não teria sido possível sem o suporte da estrutura colonial. Quais foram as duas formas de conhecimento que vieram para a Índia com o conhecimento ocidental moderno? Direito e Medicina. Ser governados por leis que não são as nossas, aconteceu devido ao enquadramento jurídico.

RA: Está a dizer que quando Gandhi critica os hospitais e as linhas ferroviárias, o faz num contexto simbólico?

SHURU: Se na nossa localidade instalarem uma rede de metro eficaz, a tendência será que voltemos a eleger o governo que tomou a medida, pois passa a ideia de que houve inovação e progresso.

RA: Mas isso é progresso, certo?

SHURUD: Mas será a única forma de progresso? Quero dizer, embora seja uma inovação desejada, esta não reflete verdadeira evolução da sociedade. Até pode ser vista como regressão, tendo em conta que levou ao crescimento descomedido e às cidades incontroláveis. Se tivesse havido um crescimento mais sustentado e equilibrado, Bombaím seria actualmente mais habitável, e Delhi mais respirável.

RA: Como se relacionaria Gandhi com a juventude da Índia moderna?

SHURUD: Não seria fácil. Ele não era de trato fácil. Eu vejo de forma muito clara. Se nos sentimos infelizes no mundo em que vivemos, se vemos injustiça, pobreza, miséria, que não consigamos aceitar e compreender, então devemos envolver-nos com a Índia. E uma das figuras que nos permite conectar profundamente com a Índia é Gandhi.

Ninguém aprecia ter por perto alguém que coloca questões morais pertinentes e desconfortáveis, e era precisamente o que Gandhi fazia na sua relação com a Índia. É nos tempos de crise que nos "voltamos" para Gandhi. E nesses momentos ele pode efectivamente ser um grande aliado no sentido que possibilitará a melhoria das nossas vidas e por conseguinte do colectivo. ▲

COMEMORAÇÕES DO 150º ANIVERSÁRIO DE MAHATMA GANDHI PELA NOVA ACRÓPOLE EM PORTUGAL

No âmbito das comemorações do 150º aniversário do nascimento de Gandhi, a Nova Acrópole Portugal celebra uma série de actos, destacando as virtudes e ideais deste personagem, que encarna milhares de anos de tradição na Índia. Foi o seu modo de se opor ao jugo do Império Britânico e libertar, por fim, a Índia, através da vivência do Dharma, ou seja, a Lei, a Verdade, e a disciplinar-se de acordo com ela; através de Kama, a arte de desfrutar as alegrias da vida, e o mayávico jogo dos sentidos; de Artha, saber falar e conquistar o nosso lugar no mundo, a nossa natural esfera de poder, as riquezas da vida; de Moksha, libertação espiritual, ascetismo, desapego; e, sobretudo, de Ahimsa, a não-violência, o respeito por todos os seres vivos.

AVEIRO

Dia Mundial da Filosofia
4 de Dezembro, 20H00
MAHATMA - A GRANDE ALMA
Colóquio comemorativo dos 150 anos do nascimento de Mahatma Gandhi:
Gandhi, do sagrado ao profano, por João Ferro
Os ideais da Teosofia que transformaram Gandhi, por José Ramos
Influência dos textos clássicos da Índia no pensamento de Gandhi, por Ricardo Martins
Gandhi e Tagore: o resgate da alma da Índia, por Françoise Terseur

BRAGA

Dia Mundial da Filosofia
21 de Novembro, 21H00
POESIA PELA PAZ
Noite Poética
em homenagem a Gandhi

COIMBRA

26 de Setembro, às 19H30
GANDHI, DO SAGRADO AO PROFANO
Conferência
por João Ferro
Director da Nova Acrópole em Aveiro

10 de Outubro, 19h30
OS IDEAIS DA TEOSOFIA QUE TRANSFORMARAM GANDHI
Conferência
Com lançamento do livro "A Chave para a Teosofia", um livro que marcou Gandhi
Por José Ramos
Director da Nova Acrópole de Coimbra

14 a 26 de Outubro
ROTA MÍSTICA DA ÍNDIA AO NEPAL
Viagem que incluirá a visita ao último local onde viveu Gandhi e Memorial no local do seu assassinato, onde realizaremos uma homenagem.
Acompanhada por José Ramos e Françoise Terseur

COIMBRA

7 de Novembro, 19h30
A INFLUÊNCIA DOS TEXTOS CLÁSSICOS DA ÍNDIA NO PENSAMENTO DE GANDHI
Conferência
Por Ricardo Louro Martins
Coordenador do Agnimile
Círculo de Estudos Orientais

Dia Mundial da Filosofia
21 de Novembro, 20h30
GANDHI E TAGORE: O RESGATE DA ALMA DA ÍNDIA
Conferência
Por Françoise Terseur
Pintora e filósofa

GUIMARÃES

Dia Mundial da Filosofia
22 de Novembro, 21h00
AHIMṢĀ: GANDHI E O PRINCÍPIO DA NÃO-VIOLÊNCIA
Tertúlia filosófica
Coordenada por Isabel Areias
Directora da Nova Acrópole de Famalicão

LISBOA

Dia Mundial da Filosofia na Biblioteca Palácio Galveias
16 de Novembro, 19h00
GANDHI E OS IDEAIS DA ÍNDIA ANTIGA
Conferência
Por José Carlos Fernández
Escritor, filósofo e Director da Nova Acrópole em Portugal

OEIRAS-CASCAIS

Dia Mundial da Filosofia
21 de Novembro, 19h30
GANDHI E A FORÇA DAS RAÍZES
Colóquio
Coordenado por Paulo Alexandre Loução
Escritor e investigador do Instituto Internacional Hermes

PORTO

Dia Mundial da Filosofia
22 de Novembro, 21h30
GANDHI: A VIA DO GUERREIRO PACÍFICO
Conferência
Por José Antunes
Diretor da Nova Acrópole Porto

VISEU

8 de Outubro, 19H30
GANDHI, DO SAGRADO AO PROFANO
Conferência
por João Ferro
Director da Nova Acrópole em Aveiro

12 de Novembro, 20h30
OS IDEAIS DA TEOSOFIA QUE TRANSFORMARAM GANDHI
Conferência
Com lançamento do livro "A Chave para a Teosofia", um livro que marcou Gandhi
Por José Ramos
Director da Nova Acrópole de Coimbra

Dia Mundial da Filosofia
21 de Novembro, 20h30
A INFLUÊNCIA DOS TEXTOS CLÁSSICOS DA ÍNDIA NO PENSAMENTO DE GANDHI
Conferência
Por Ricardo Louro Martins
Coordenador do Agnimile Círculo de Estudos Orientais

26 de Novembro, às 20h30
GANDHI E TAGORE: O RESGATE DA ALMA DA ÍNDIA
Conferência
Por Françoise Terseur
Pintora e filósofa

www.nova-acropole.pt

Por inumeráveis que sejam os seres sensíveis,
Prometo salvá-los,
Por inesgotáveis que sejam as paixões,
Prometo extingui-las,
Por incomensurável que seja o Dharman,
Prometo investigá-lo.
Por incomparável que seja a verdade suprema,
Prometo atingi-la.

BUDA

SIDDHARTHA GAUTAMA - O BUDA

Por Jorge Angel Livraga (1930 - 1991)

Por inumeráveis que sejam os seres sensíveis,
Prometo salvá-los,
Por inesgotáveis que sejam as paixões,
Prometo extingui-las,
Por incomensurável que seja o Dharman,
Prometo investigá-lo.
Por incomparável que seja a verdade suprema,
Prometo atingi-la.

Buda

Siddharta Gautama, o Buda, foi assim chamado, segundo H.P. Blavatsky, porque o primeiro era o seu nome pessoal e o segundo o nome sacerdotal da sua família Shakya; daí o epíteto de Shakyamuni ou o Santo da família Shakya.

A palavra Siddhartha dever-se-ia aos seus poderes paranormais e refere-se ao Siddhi; é «O Poderoso», aquele que se completou a si mesmo.

Gautama significa literalmente «Pastor de vacas», pois no hinduísmo, a vaca Go é sinónimo do universo e também da Mãe do Mundo.

Buda significa «O Iluminado» e é um qualitativo genérico outorgado a muitos grandes místicos anteriores e posteriores a ele, em todas as línguas da Terra. (Por exemplo, em grego «Christos» tem o mesmo significado, e foi assim que chamaram ao Mestre Galileu a partir do século IV-V).

Podemos considerar a sua existência sob duas chaves: a história e a mítica ou religiosa, não podendo evitar que ambas se confundam na fé dos seus crentes, como aliás sucede em todas as religiões conhecidas.

HISTÓRICA: nasceu no seio de uma família nobre, da Casta Kshatriya ou guerreira, no actual Nepal, no palácio real de Kapilavastu, a uns 50 kms a nordeste da cidade de Benares. As investigações modernas dão-nos a data de 563 a.C., que coincide aproximadamente com as tradições antigas indianas, que situam o seu nascimento entre 600 a.C. e 543 a. C.

O seu pai foi o rei Shuddhodana, e a sua mãe, a princesa Maya, proveniente de um reino vizinho. Naquela época, a Índia passava por um dos períodos de tipo feudal, ou seja, estava composta por pequenos Estados, à semelhança da Grécia clássica. Shuddhodana significa «arroz puro» e Maya ou Mayadevi, «Ilusão luminosa». A criança nasceu no mês equivalente ao nosso mês de Maio e destacou-se imediatamente pela sua beleza física e intelectual. Ficou órfão de mãe muito cedo e foi criada pelo seu pai, que casou em segundas núpcias com a princesa Gautami, provável parente próxima de Maya, quiçá a sua irmã mais nova. Siddhartha foi educado, desde os sete anos de idade, pelo mestre Vishvamitra e o seu conselho de anciãos sábios.

O futuro Tathagata, «O Predicador», cedo mostrou um carácter introvertido. Um dos seus mestres descre-veu-o assim:

«Os grandes olhos fixos desta criança, que brilhavam sob uma fronte extraordinária abobadada, contemplavam o mundo com assombro. Havia nesses olhos abismos de tristeza e de recordações. Passou a sua infância no jardim sumptuoso de seu pai, no meio do luxo e do ócio. Tudo lhe sorria, mas nada podia afastar aquela sombra precoce que velava o seu rosto; nada podia acalmar a inquietação de seu coração. Era uma daquelas crianças que não falam, porque pensam demasiado para a sua idade.»

Outros fragmentos da época relatam que, forçado pelos costumes a participar em expedições de caça, ao ver voar as flechas, fixava nelas os seus olhos e estas desviavam-se no ar, salvando-se assim o animal. Estes e outros fenómenos a que chamaríamos hoje parapsicológicos, unidos à sua tendência para uma excessiva atitude meditativa, acabaram por alarmar o rei. Preocupado em encontrar um herdeiro mais normal para a Coroa, arranjou apressadamente um casamento com a filha do rei de Koliya, chamada Yashodhara ou também Gopa. Mas o pai da eleita não quis dar a mão da sua bela filha a um «anormal», pois tinha em vista muitos outros príncipes mais amantes da guerra e das competições cinegéticas.

O jovem Siddhartha tinha uma boa figura, e nas poucas práticas de artes marciais em que se viu obrigado a participar, foi sempre o melhor, dava a ideia de não necessitar de mestres para nada, desde o uso do arco à dança e da sobrevivência na selva à composição e execução musical. Mas, para os costumes da época, era muito estranho que um príncipe tão jovem estivesse sempre rodeado de filósofos, santos, cientistas e poetas, menosprezando as vestimentas luxuosas e as belas escravas.

Príncipe Siddhartha a ser criado pela rainha Mahaprajapati Gautami

O rei Shuddhodana, desesperado e ofendido, queixou-se ao seu filho pelo muito que este o fazia sofrer. Siddhartha, como que despertando de um sonho, sorriu-lhe bondosamente, prometendo-lhe que as suas penas iriam acabar. Assim, aceitou medir forças, em qualquer terreno, com todos os aspirantes à mão de Gopa.

Formalizaram-se as justas, nas quais competiriam numerosos príncipes provenientes de vários reinos, pois a princesa era muito bela e muito rica. Começaram por disparar arcos, mas os de madeira, comuns, esti-lhaçavam-se nas mãos de Siddhartha.

O seu próprio pai mandou, então trazer o velho arco do seu avô, o gigantesco rei Sihahanu, que estava depositado num templo, e que requeria vinte homens para o transportar, devido ao seu tamanho descomunal e aos materiais pesados com que fora construído.

Colocado nas mãos dos príncipes, ninguém conseguiu levantá-lo à excepção de Siddhartha, que o fez com um só dedo da sua mão direita. Em seguida, esticou-o facilmente e disparou, acertando na mouche a uma

Procissão do rei Suddhodana de Kapilavastu, que encontra o seu filho Siddhartha a vir pelo ar (cabeças erguidas na parte inferior do painel), para lhe dar uma árvore Figueira do Bengala (canto inferior esquerdo) / wikipedia

distância incrível. Já ninguém mais quis competir com ele e, após a tradicional festa, casou-se com Gopa. Para o casal, belíssimo e famoso, o rei Shuddhodana mandou construir três palácios: um de Verão, outro de Inverno e o terceiro no sopé dos Himalaias, para a época das chuvas. (Na Índia antiga, como na Grécia pré-clássica as estações eram três e não quatro).

Assim viveram quatro anos, ao cabo dos quais Gopa deu à luz um menino, a que o seu pai chamou «Rahula», ou seja Cadeia ou Amarra. Depois, Siddhartha regressou à vida ascética e mandou dizer a seu pai, o rei, que tinha cumprido o seu desejo: a dinastia não se extinguiria.

O rei ficou horrorizado quando ouviu a notícia, pois a situação económica do reino era muito precária, debilitada por gastos excessivos e, além disso, os seus belicosos vizinhos estavam a preparar-se para uma guerra entre coligações. Ele próprio sentia-se um pouco velho para conduzir os seus exércitos e, tendo um filho tão excepcionalmente sábio e forte, pediu-lhe que voltasse à normalidade e se preparasse para atacar os seus vizinhos antes que estes se tornassem demasiado fortes. Temia, especialmente, uma invasão do reino de Koshala (efectivamente, cinquenta anos após a morte de Buda, Koshala anexou pela força todo o reino Shakya), mas desta vez, o príncipe não aceitou.

A causa desta recusa é vista de diferentes maneiras pelos historiadores: para uns, deve-se a uma razão meramente de ordem moral: para outros, ao facto de o exército dos Shakya estar preparado somente para uma acção defensiva, à qual se tinha dedicado com muito êxito durante quase um século.

Siddhartha tornou-se, pois, monge peregrino (coisa que, em princípio, não podia alarmar demasiado o rei, já que era moda entre os príncipes daquela época). O rei, como acontece com os pais actuais, pensou que o filho iria abandonar rapidamente essa obsessão; mas Siddhartha não era um homem como os outros e nunca mais voltou à Corte. Quando partiu, em plena noite, de um dos seus palácios, tinha 29 anos de idade.

Historicamente, o seu rasto perdeu-se e o mito sepulta-o. Aquela era uma época de convulsões políticas, sociais e religiosas na Índia, e muitas correntes pugnavam entre si, destacando-se o Jainismo e a leitura das Upanishads.

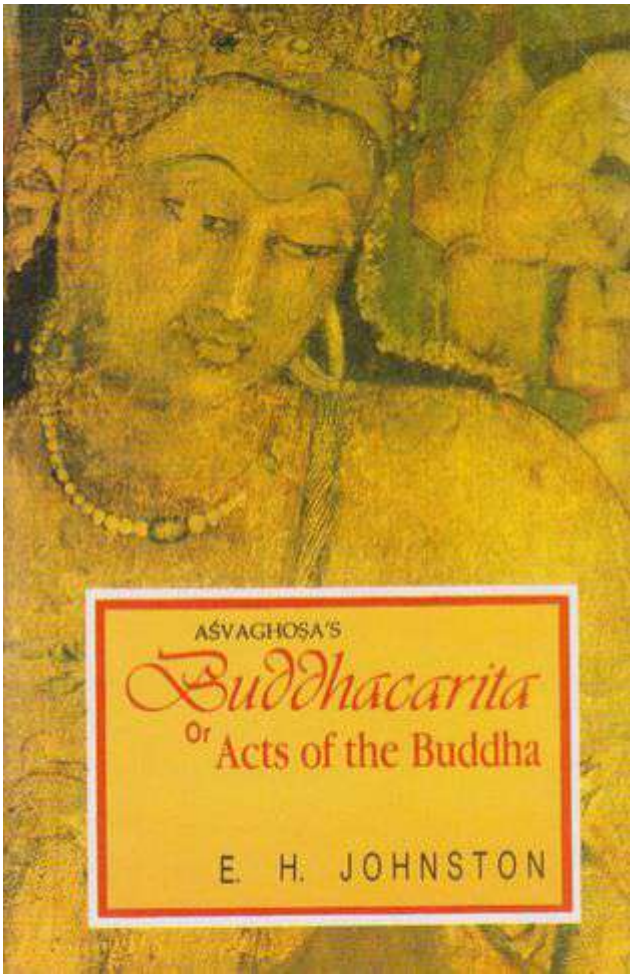
Siddhartha peregrinou durante cerca de quarenta e cinco anos e é provável que antes de fundar a sua própria Escola místico-filosófica (que não pretendia ser uma nova religião) tivesse tido contacto com muitos sábios, dos Himalaias até ao Ganges, especialmente com yoguis e faquires, já que estes eram os mais numerosos. Por fim decidiu fundar o Sangha (uma confraria mística) que não contava com mais de uma dúzia de discípulos varões. Este movimento espiritual cresceu rapidamente, pelo que tiveram também de aceitar mulheres. Conta-se que o Buda, ao dar a sua aprovação, fez o seguinte comentário jocoso: «Agora o Sangha durará quinhentos anos menos».

Os dados históricos são cada vez mais escassos. Não há provas de que tenha viajado fora da Índia, embora a sua doutrina cedo se expandisse, principalmente na China. Sabe-se que o facto de ter aceitado mulheres na sua Ordem, coisa insólita naquela época, foi acusado de promover delitos sexuais, tendo-lhe valido a sua pureza de vida, a sua aguda dialéctica e a sua condição de ex-príncipe, que o salvaram mais de uma vez da condenação à morte.

No bosque de Kushinagara, debaixo de árvores de sândalo, morreu tranquilamente com a idade de 81 anos. Talvez tenha morrido simplesmente de velhice, embora os documentos mais antigos falem de uma ingestão de javali, e os investigadores actuais, de disenteria (é oportuno assinalar que o javali, animal dedicado a Vishnu, era um símbolo da Sabedoria Divina, da qual o Buda teria «comido» demasiado para continuar a viver nesta terra).

MÍTICA ou RELIGIOSA: Há três textos chamados «Evangelhos» pelos ocidentais, que narram a vida do Buda: um, o Ashvaghosha Bodhisattva, também chamado Buddhacharita; outro, o Mahavastu (Grande História); e o terceiro, o Lalita Vistara, o mais esotérico de todos, pois identifica o Buda com toda a Humanidade e, assim, narrando as anteriores reencarnações do grande sábio de maneira mistérica, ensina sobre o que foi a Humanidade no mais remoto passado, quando habitavam formas animais num planeta que hoje se converteu em satélite, a Lua. Também existe uma biografia escrita tardiamente por Dharmaraya em 308 d.C.

Tomamos com fonte principal o Ashvaghosha, ou versão hindu. Também há versões chinesas, japonesas, coreanas e da escola Zen.



Siddhartha nasceu no segundo dia da lunação de Maio do ano de 621 a.C., no reino de Kapilavastu. O seu pai foi o rei Shuddhodana e sua mãe Maya, ou Mahamaya (a grande ilusão), que morreu do parto sete dias após o nascimento do Sarvarthasiddha (O Poderoso). A mãe, antes de morrer, fez o rei jurar que se casaria com a sua tia, Mahaprajapati Gautami, e que cuidariam da criança já tida como excepcional, como um Avatara (portador do Ensinamento Divino, receptáculo com aparência humana da Divindade que vela pelos homens, Vishnu).

A criança não nascera como os outros homens, pois, embora os seus pais estivessem casados, o matrimónio não fora consumado por motivos rituais. A Virgem Maya teve a visão de uma forma de Vishnu como filho de Shiva: o deus da Sabedoria, Ganesha. Era um grande elefante branco que lhe roçava o ombro esquerdo, dizendo-lhe que assim ficava grávida e que seria mãe de um Buda. Cumpridos os nove meses deu à luz o Menino.

Este, mal nasceu, ergueu-se robusto e deu sete passos na direcção de cada um dos pontos cardeais. Os místicos brahmanes encontraram no seu corpo os trinta e dois signos da perfeição. Conhecida a notícia, vieram adorá-lo magos e reis de longínquos países. Os profetas e astrólogos coincidiram em afirmar que tinha nascido um Avatara e os velhos textos falam-nos da luta interior do jovem príncipe, forçado a viver a vida da corte.

Um capítulo deste Evangelho, chamado «Tédio e Tristeza», diz-nos que o rei, para alegrar o seu filho e evitar que abandonasse o mundo por piedade para com os homens, fazia engalanar as cidades que visitava e retirava da sua vista os doentes, tolhidos e anciãos. Também não lhe permitia ver um morto. À sua passagem, tudo resplandecia de felicidade, juventude, saúde e ausência de tristeza.

O Mestre Vishvakarman, o Ensamblador de todas as coisas já não tinha mais nada para lhe ensinar e o jovem insistiu em visitar uma cidade do seu reino.

Alertado, o rei mandou preparar as ruas por onde o príncipe iria passar, para que a cidade tivesse a aparência de um paraíso terreno, limpa e cheia de gente jovem e bela. Porém, um Devarishi (uma forma de anjo sábio) salvou Gautama do engano, surgindo-lhe, de repente, diante do seu carro de guerra, como velho arquejante; o príncipe perguntou ao seu auriga quem era esse homem encurvado, enrugado e vacilante. «É um velho, senhor», respondeu o cocheiro. Após uma curta reflexão, o Buda perguntou-lhe novamente se esse estado era normal, se o seu pai e ele próprio chegariam a essa decrepitude. Perante a resposta afirmativa, o jovem sumiu-se em obscuras meditações.

Em seguida, o astuto Deva apresentou-se-lhe como um homem enfermo, com o rosto deformado por horríveis cicatrizes provocadas pela varíola e com a pele a cair aos bocados pela lepra. «E isso, o que é?», perguntou-lhe horrorizado o príncipe. O auriga, inspirado pelos Deuses, explicou-lhe que ninguém está livre das enfermidades que ceifam a vida antes de se chegar a velho. O príncipe, face a esta segunda crise, permaneceu de novo fechado sobre si mesmo. O Deva, um pouco mais adiante, fez passar uma caravana mortuária com um cadáver para ser cremado. De novo, Siddhartha perguntou ao seu auriga o que significava aquilo que estava a ver; se o homem dormia, e por que é que estava tão pálido, seguido de carpideiras e de parentes enlutados. Respondeu-lhe o auriga que se tratava de um morto e explicou-lhe que esse é o fim de todo o ser vivo. Perante tal resposta, o jovem teve a sua terceira crise e perguntou: «Por que é que existem velhos, doentes e mortos?». O auriga não lhe soube responder satisfatoriamente e, então, o futuro Buda – pois ainda não tinha alcançado a Iluminação – disse-lhe que só via ignorância nele e que o seu conhecimento não lhe servia de nada.

Quando o rei se inteirou do sucedido, mandou construir três palácios maravilhosos (Subha, Suramya e Ramya), com a intenção de eliminar tais experiências da mente do filho. E procurou para ele uma esposa muito bela chamada Yashodara, filha do rei de um Estado vizinho, Dandapani, a fim de o distrair das suas meditações. Nas provas de competência com outros robustos príncipes, Siddhartha venceu-os a todos com o arco mágico Sihahanu (talvez o deus-leão Indra), que não era usado desde a época dos gigantes, há muitos milhares de anos. Domou um cavalo negro graças à persuasão, sem utilizar o látego (o cavalo era o símbolo dos Poderes Cósmicos), e também atravessou a nado, mais rápido do que qualquer outro, um imenso lago cheio de lótus. Por fim, umas belíssimas formas femininas, chamadas Apsaras, tentaram-no e ele respondeu: «Afastem esses sacos de podridão que estão à minha frente». Um sábio brahmane procurou refutar as suas novas ideias, mas Siddhartha emudeceu-o com a sua enorme sapiência.

Casou, teve um filho a que deu o nome de «Cadeia» e, cumpridas as suas obrigações reais, passando as provas de Terra, Água, Ar e Fogo, partiu uma noite de um dos seus palácios, no seu cavalo Chandaka. Chandaka voltou depois para junto do rei e, antes de morrer, pronunciou com dificuldade as seguintes palavras: «Nasceu um Buda». (Chandaka ou Kanthaka era o nome do seu cavalo e também o do seu auriga que antes o tinha acompanhado).

Siddhartha entregou-se então a uma peregrinação interminável e caiu nos mais terríveis ascetismos. Já quase moribundo, passou diante dele uma tocadora de vina (tipo de guitarra com a caixa em forma de alaúde), cantando: «A corda frouxa não dá som, e se está muito tensa quebra as nossas esperanças; no justo meio é quando nos dá a sua harmonia». Siddhartha ouviu-a e compreendeu a mensagem dos Deuses; alimentou-se de arroz e leite e saiu da sua prostração. Em seguida, pediu a um segador um feixe de erva (a sagrada erva Kusha), e sentou-se sobre ela, debaixo de uma grande árvore Bo (emblema da Árvore da Vida). Aí, em vigília perpétua, chegou ao seu Verdadeiro Estado de Libertação, fortemente comprometido com a Natureza e a Humanidade. Viu as causas da dor, as doze Nidanas e também o remédio para elas.

Siddhartha em meditação, representado extremamente magro devido aos intensos jejuns que fazia.

O SEU ENSINAMENTO

Por razões de espaço, apenas faremos um breve resumo. Um elemento fundamental é o Ariya-atthangika-magga, conhecido como Nobre Óctuplo Caminho.

Consta de:
— Conhecimento Recto
— Intenção Recta
— Palavra Recta
— Conduta Recta
— Esforço Recto
— Meios de Vida Rectos
— Pensamento Recto
— Concentração Recta

Após a fundação do Sangha, deu aos «monges» dez Paramitas (virtudes transcendentes) e seis para os laicos.

Ensinou que há dez vícios capitais: três do corpo, quatro dos lábios e três da mente. Estes são: matar, roubar e fornicar; mentir, caluniar, insultar e dizer palavras correctas com intenção incorrecta; o ódio, a inveja e o ateísmo.

A sua doutrina, que se resume no chamado Sermão de Benares, baseia-se na auto-realização do homem. Nem os demónios podem, realmente, rebaixá-lo, nem os deuses elevá-lo, salvo com a cumplicidade ou a colaboração do próprio ser humano. No Budismo não existe a ideia de uma «salvação», nem a de um «Deus pessoal». O homem está preso apenas pela sua ignorância, que o faz equivocar-se e reencarnar inúmeras vezes, buscando a experiência que lhe falta. Deus não desce até aos homens, mas são estes que devem elevar-se até ao divino, onde a Luz é permanente e os lótus não fecham as suas pétalas (Nirvana ou Shangri-la).

O Dhammapada ou Dharmapada (em sânscrito), dir-nos-á:

«O homem que se vence a si mesmo é mais forte do que o que vence mil homens em combate».

Nirvana significa, literalmente «sair da floresta», ou seja, sair da confusão, das trevas e da pluralidade. É a meta última do homem como tal. Mas não é o fim de tudo, pois, segundo o Budismo Esotérico, para além há mais estados misteriosos que se englobam na expressão «Paranirvana Moksha».

Monges budistas na Tailândia

Para Buda, a pessoa (persona) ou quaternário inferior é mortal por necessidade, pois está no tempo e «tudo o que nasce deve morrer». Imortal é o espírito que está para além do eu mental, egocêntrico e egoísta. O verdadeiro triunfo não radicaria, segundo este Avatara, em dominar apenas o corpo, mas também o pensamento e o separatismo do eu... tu...ele, etc. Para poder alcançá-lo realmente, o homem deve sentir a necessidade imperiosa de se libertar do ciclo vida-morte. Enquanto viver apegado à sensação e à ignorância, é melhor deixar para a moral mecânica da Natureza, através das reencarnações, o trabalho de purificação.

Assim, aquele que mais do que um fundador de uma religião foi um filósofo esotérico, criou dentro do milenário Brahmanismo uma revolução ideológica e de costumes, pois os brahmanes, que estavam sujeitos a um cerimonial muito estrito e a um sem-número de superstições e de tabus, foram fortemente afectados por esta corrente de ar fresco que, sem negar a Tradição Interna, desaconselhava passar a vida a fazer cerimónias já vazias de sentido, esperando que os Deuses ajudassem o homem.

Tal como Sócrates, recomendou o «Conhece-te a ti mesmo».

Após a sua morte, os seus discípulos foram perseguidos pela «religião oficial», e só alguns séculos mais tarde, como um Constantino oriental, surgiu o imperador Ashoka, chamado «o cruel», o qual, em meados da sua vida, abraçou os ensinamentos do Buda, tendo-os imposto no Império de uma Índia que acabara de superar uma das suas épocas de feudalismo. Porém, esta situação não iria durar muito, pois no século VIII surgiu a invasão muçulmana que obrigou a uma nova fragmentação.

Pintura do Buddha a fazer o gesto de "tomar a Terra como testemunha". Otgonbayar Ershuu

O Budismo, agora dividido em Mahayana (o Grande Veículo) e Hinayana (o Pequeno Veículo), penetrou profundamente na China e noutros países do Oriente. As novas investigações afirmam que também se expandiu pontualmente no Ocidente durante o século III a.C., devido aos contactos estabelecidos por Alexandre Magno, o qual deixou igualmente a sua marca no pensamento e na arte hindu através do período «Gupta». Alguns filósofos budistas e brahmanes deambularam pelo Ocidente, pelo menos até ao século I-II d.C., sendo conhecidos como «gimnosofistas».

O Budismo caracterizou-se e caracteriza-se por não ter um, mas muitos chefes espirituais, e por uma grande liberdade de expressão, que o enriqueceu, mas também o debilitou. Até aos finais do século XIX e primeiro quartel do século XX, foi a religião com mais adeptos no mundo, mas a queda da China na guerra civil e a posterior penetração de formas assimiladas do marxismo, assim como a influência ocidental que se reforçou no Japão e em todo o Extremo-Oriente após a Segunda Guerra Mundial, deixou-a num provável terceiro lugar e, como todas as religiões actuais, excepto a muçulmana, tende a perder influência.

Não obstante, nos seus vinte e cinco séculos de vida demonstrou uma grande capacidade de sobrevivência e, salvo no já muito longínquo momento de Ashoka, podemos afirmar que é a forma de fé menos inclinada para a violência e para o domínio do mundo material e das riquezas. Salvo raras excepções, como no caso dos Khmeres vemelhos, não se misturou nem se mistura em questões políticas, pois nela prevalece o velho espírito da temporalidade das coisas e da busca individual de uma paz interior a todo o custo, unida a uma grande humildade. O Buda disse: «eu verei as costas do último homem a entrar no Nirvana».

Segundo H.P. Blavatsky, o Budismo, nas suas origens, não teve quase nada de original, pois Siddhartha limitou-se a exteriorizar uma forma de Budismo Primitivo, a Mística da Luz ou da Iluminação, que já existia desde há milhares de anos na zona norte da Índia, especialmente no Tibete. É muito difícil, se não mesmo impossível, provar ou negar esta afirmação.

De qualquer modo, o Senhor do Lótus transmitiu para a posteridade a religião que, de todas as que conhecemos, menos sangue fez derramar. E ainda que só fosse por isso, merece ser bendito. ▲

BUDA E O SUTTA PITAKA

Por José Carlos Fernández

De onde emergem as experiências dolorosas da vida? O que podemos considerar como fonte de tudo o que acontece? Pergunta o Buda aos seus discípulos monges (bikkhus). Em nada se sustentam, não há nada que exista definitivamente, responde ele mesmo, apenas e só a nossa ignorância sobre a verdade essencial. Apenas uma mente que, não iluminada, tece uma rede de causas e efeitos (os doze Nidanas), uma mente que se sente perturbada pelas sombras do seu próprio movimento, que não percebe o AGORA eterno onde se imobilizam todas as existências. Onde a Luz da Verdade-Una (o ONTOS de Parménides, ou SAT da Filosofia Védica) brilha com infinita glória. É a nossa ignorância, a falta de plenitude do nosso EU, e a sede e sensação de vida a força que faz girar a roda da existência, a Roda da dor, a viva morte em que vivem, morrem e renascem todos os seres que nadam atordoados nas águas do *samsara*.

Este é um dos tesouros, um dos ensinamentos do Buda no Sermão "Raiz-Sequência" (Mula Pariyaya Sutta) que aparece como o primeiro dos chamados Discursos Médios (Majjhima Nikaya) incluídos no Sutta Pitaka, obra, esta última, que continha todos os Discursos do Buda, de acordo com a versão do Budismo Theravada do Sri Lanka.

Narra a tradição budista que, pouco depois da morte de Buda, um dos monges, indolente e preguiçoso, ao ver os seus companheiros tristes disse-lhes que não penassem, pois antes estávamos fartos de ouvir "Isto convém-nos. Isto não nos convém"; mas agora podemos fazer o que nos apetecer e não faremos o que não nos apetece. [1]

O grande Kashyapa, o sucessor de Buda na direção da Sangha (a comunidade de monges budistas) ao ouvir isto, sentiu a necessidade de fixar os ensinamentos do Abençoado e convocou o primeiro Conselho da Ordem, realizado na cidade de Rajagriha, no qual participaram quinhentos Arhats [2]. Durante sete meses, discutiram e recordaram um por um, os discursos, as lições, os regulamentos e as recomendações do Tathagata estabelecendo assim a disciplina que deve reger a vida dos monges (Vinaya) e a Doutrina (Dhamma) do Buda.

A língua em que foi compilado foi o pali, de uso vernáculo e popular ao contrário do sânscrito, para que todos pudessem entender, pois a mensagem do Buda dirigia-se a reis e mendigos, a brâmanes e a párias, a todos, sem distinção de raça, sexo ou condição social. Logo depois, o tesouro das palavras do Buda seria traduzido para o sânscrito, e desta língua para o chinês, à medida que a religião e a filosofia do Buda se expandiam para o Oriente. É paradoxal que muitos dos discursos e histórias relacionados com o Buda sejam recuperados desta última língua e novamente

Sutta Pitaka manuscrito em Pali e Birmanês. Wellcome Library, Londres.

traduzidos para o sânscrito, como ocorreu com o Evangelho de Ashvagosha, obra principal da literatura budista.

Um segundo Concílio reuniu-se cem anos depois em Vaishali, para combater dez práticas heréticas que alteravam a disciplina e o espírito das palavras do Buda.

Um terceiro foi convocado pelo imperador Asoka, no décimo oitavo ano do seu reinado (389 a.C.), em Pataliputra, para esclarecer algumas questões doutrinárias, reforçar as regras de disciplina monástica e defender a fé contra os ataques de hereges. Este imperador, depois da batalha de Kalinga, foi convertido ao budismo, e pelas suas ações fortes, justas e boas encarnou o ideal de Chakravartin, Rei do Mundo. Ele expandiu a luz dessa doutrina nova e divina, não apenas em toda a Índia, mas nos confins da terra conhecida. Apenas no Ocidente, sabemos que enviou professores budistas do Dharma a Antíoco II da Síria, Ptolomeu II do Egipto, Magas de Cirene, Antígono Gonatas da Macedónia e Alexandre II do Épiro.

Os gimnosofistas a que se referem os textos clássicos - além dos essénios e dos terapeutas - receberam, sem dúvida, um importante legado de toda esta psicologia ideal e budista ascética. Asoka ergueu colunas monumentais por todo o império e gravou nelas editais que são um paradigma de tolerância, de ecletismo e de bondade para com todos os seres vivos.

Mahendra, irmão mais novo, ou filho do rei – junto da princesa Sanghamitta, filha também de Asoka - levou ao Sri Lanka não só a doutrina do Shakyamuni, mas um ramo da árvore sagrada Bo sob a qual o Buda alcançou a Iluminação, árvore que simboliza a sabedoria e também as doutrinas do Abençoado. Este ramo sendo plantado cresceu e hoje é um testemunho vivo de uma árvore bimilenária, em Anuradhapura, que os peregrinos de todo o mundo visitam devotamente.

No primeiro século a.C. as palavras do Buda foram compiladas e escritas em folhas de palmeira; o que os budistas Theravada chamaram de Quarto Conselho, foi nesta mesma ilha do Sri Lanka, no mosteiro de Alu Vihara. Os monges que durante todo o ano pregaram o Dharma e se entregaram aos exercícios ascéticos de autocontrole nas florestas solitárias, durante a estação chuvosa dissecaram e compilaram os ensinamentos do Mestre. Estes discursos e máximas (sutras em sânscrito, suttas em Pali) foram coletados em três cestas (pitaka)., A primeira compilação conhecida dos ensinamentos do Buda chamou-se Tripitaka (três cestas) ou Cânone Pali.

Como a transmissão, durante quatro séculos, foi oral é difícil saber se são, ou não, as palavras do Buda. Já no primeiro Conselho realizado, como dissemos, três meses após a morte do Buda, um monge famoso chamado Purana (o “Antigo”), recusou-se a aderir às resoluções dos Arhats e aposentou-se ele mais quinhentos dos seus companheiros.

De acordo com o Chullavagga, ele disse educadamente: a doutrina e a regra disciplinar foram muito bem formuladas pelos Anciões, mas vou mantê-la em minha memória da maneira como a ouvi e recebi dos próprios lábios do Abençoado. E de acordo com a mesma citação, nem os Anciãos, nem ninguém presente neste episódio

proferiu uma única palavra de repúdio contra esta manifestação de independência.[3] Estas três "cestas" ou divisões do Cânone Pali são:

1. **O Sutta Pitaka**, que contém os discursos do Buda. É o livro dos ensinamentos.
2. **O Vinaya Pitaka**, onde estão escritas as regras de disciplina da Sangha, bem como uma ampla variedade de textos que explicam porquê e em que circunstâncias tais regras foram instituídas, bem como um esclarecimento da doutrina.
3. **O Abhidhamma Pitaka** aprofunda de forma sistemática a filosofia e os ensinamentos do Buda; e inclui uma análise detalhada da Psicologia Budista, de uma precisão e complexidade que não fica atrás de nenhum outro sistema psicológico conhecido na história. Neste trabalho, os próprios ensinamentos do Sutta Pitaka são empregues como uma ferramenta para investigar e penetrar na natureza da mente e da matéria.

A estrutura desta magnífica obra, o Tripitaka, é:

SUTTA PITAKA

- Colecção Digha Nikaya de 34 (Discursos) Largos/ Extensos
- Colecção Majjhima Nikaya de 152 (Discursos) Médios
- Samyutta Nikaya, Colecção de 7762 (Discursos) Relacionados – agrupados por assunto em 56 seções (samyuttas)
- Colecção Anguttara Nikaya de 9950 (Discursos) sobre um único assunto em ordem ascencente
- Colecção de Miscelânea Khuddaka Nikaya – 15 textos pequenos em 20 volumes:

1. Khuddaka-patha: Leituras breves
2. Dhammapada: Versos sobre o Dhamma
3. Udana
4. Itivuttaka: Como Foi Dito
5. Sutta-nipata: Conjunto de Discursos
6. Vimana-vatthu: História sobre as Mansões
7. Peta-vatthu: História do falecido
8. Thera-gatha: Versos dos Anciãos
9. Theri-gatha: Versos dos Anciãos
10. Jataka: Histórias sobre nascimentos
11. Niddesa: Comentário
12. Patisambhida-magga
13. Apadana: Histórias
14. Buddhavamsa: Crónicas dos Budas
15. Chariya-pitaka: Cesta da Conduta
16. Nettippakarana
17. Petakopadesa
18. Milindapanha: Perguntas do Rei Milinda [4]

VINAYA PITAKA

- Maha-vibhanga: Regras para monges
- Bhikkhuni-vibhanga: Regras para freiras
- Khandhaka: Seções
- Mahavagga
- Chullavagga
- Parivara: Acessórios

ABHIDHAMMA PITAKA

- Dhamma-sangani: Enumeração de Dhammas
- Vibhanga: Livro de Análise
- Dhatu-katha: Discurso sobre os elementos
- Puggala-panhatti: Conceitos sobre Pessoas
- Katha-vatthu: Pontos de controvérsia
- Yamaka: Pares
- Patthana: Relacionamentos Condicionais

Uma síntese e um estudo detalhado de cada um dos livros do Sutta Pitaka exigiria um volume inteiro. É importante perceber a praticabilidade e a actualidade dos seus ensinamentos. Como em todas as grandes obras, e penetrando um pouco no modo de expressão (às vezes também no simbolismo que abre as portas a uma interpretação correta), a mensagem é sempre atemporal. É válido para a alma, e a alma proclama-a como válida ao longo de séculos e milénios. A título de exemplo, podemos listar, com comentários muito breves, alguns dos discursos mais importantes dos dois primeiros livros, o Digha Nikaya (Discursos Extensos) e o Majjhima Nikaya (Discursos Médios), que representamos como DN e MN, respectivamente.

Samanhaphala Sutta (DN 2) – Responde à pergunta: quais são os frutos da vida contemplativa, aqui e agora? Ilustra com exemplos vividos os diferentes estágios do caminho budista.

Kevatta Sutta (DN 11) – A natureza dos milagres e seres celestes. E como de todos os milagres, o da instrução é o mais necessário, uma vez que o domínio da mente é o caminho que leva à libertação.

Lohicha Sutta (DN 12) – Porque são necessários um mestre e um guia no caminho?

Mahanidana Sutta (DN 15), Discurso sobre as Grandes Causas. Extenso tratado sobre os factores dependentes que emergem e tecem a ilusão e a dor na nossa mente e, portanto, na nossa vida. Sobre o não-ser, o não-ego ou o ego irreal e egoísta – o eu inferior – que emerge como foco e núcleo das sombras dessa ignorância.

Estilo antigo da escritura do Cânone Pali. Tailândia

Mahaparinibbana Sutta (DN 16) – Descreve os últimos dias do Buda, o tesouro das últimas instruções e ensinamentos do Abençoado, antes da sua consciência se dissolver na plenitude ilimitada de Paranirvana. É também um retrato do drama e da tristeza que os monges budistas experimentaram com a morte do seu amado Mestre.

Mahasamaya Sutta (DN 20), O Grande Encontro – Toda uma comitiva de deuses rejubilantes vem apresentar-se e saudar o Buda. Este tratado é um "Quem é quem" no mundo celestial e serve para começar na cosmologia dos primórdios do budismo.

Sakka-panha Sutta, Perguntas do Rei Sakka (DN 21) – Este Rei-Deva interroga o Abençoado sobre quais são as fontes de conflito e hostilidade, e o caminho que leva à sua cessação. Um ensinamento muito útil para aqueles que querem ou deveriam, por sua natureza, ser reis entre os homens. É interessante lembrar, a este respeito, que no Cânone Pali o próprio Buda lembra-se das centenas ou milhares de vezes em que nasceu como um rei bondoso; e como se recusou a ser rei de Kapilavastu, isto porque ele considerava toda a humanidade, e todos os seres vivos, como sua família e ele deveria ser Rei e Guia na escuridão de todos eles.

Mahasatipatthana Sutta, o Grande Quadro de Referência (DN 22) – O Discurso das Quatro Elevações da Atenção, a chave para conquistar o estado de plenitude mental contínua. Este tratado é o pilar da meditação no budismo Hinayana. Como o estudo e a consideração de tudo o que diz respeito ao corpo, os sentimentos, a mente e todos os fenómenos de consciência derivados dos anteriores, permitem-nos encontrar o caminho que leva à Liberdade e à Iluminação.

Sabbasava Sutta, Todas as Fermentações (MN 2) – Como a alquimia pode purificar a nossa mente e nos libertar da dor? Como alcançar a felicidade de uma mente iluminada?

Sobre as fermentações putrefatas que têm origem na nossa mente e como superá-las, depois de identificar a natureza de cada uma delas.

O problema de como perpetuamos a noção do "eu" do passado e nos apegamos a ele. O poder do agora para combater a nebulosidade da mente.

Bhaya-bherava Sutta, Medo e Terror (MN4) – Como superar o medo da solidão e da vida no meio do perigo.

Vatthupama Sutta, O símile do vestido (MN 7) – A diferença entre uma mente iluminada e uma mente impura.

Sallekha Sutta (MN 8) – Como a meditação pode libertar-nos, da falta de jeito e negligência, de fazer as coisas erradas.

Sammaditthi Sutta, Discurso sobre a Reta Visão (MN 9) – Descrição detalhada da Doutrina das Quatro Nobres Verdades (em relação à natureza completa da mente e do vazio da realidade; com o "alimento"- isto é, tudo o que nós fazemos nosso – e com as 12 Nidanas ou Causas Últimas da Existência)

Satipatthana Sutta, Os Marcos de Referência e os Fundamentos da Plenitude Mental (MN 10) – Instruções práticas sobre meditação para conquistar a plenitude mental.

Mahasihananda Sutta, o Grande Discurso do Rugido do Leão (MN 12) – 10 Poderes do Tathagata, os quatro tipos de intrepidez, e outras qualidades superiores que permitem afirmar que a sua voz é, em todos os tipos de assembleias, como o rugir do leão na selva.

Madhupindika Sutta, O discurso da bola de mel (MN 18), – um discurso que produziu grande estupefação entre seus discípulos. Nele ele adverte para as reflexões ociosas e a mente sem direção.

Dvedhavitaka Sutta, os dois tipos de pensamento (MN 20) – Educação mental: Métodos práticos para responder a pensamentos negligentes.

Kakachupama Sutta, o Símile da Serra (MN 21) – Ensinamentos para desenvolver a paciência.

Mahasachaka Sutta (MN 36) – O Buda conta as práticas e austeridades que o levaram a encontrar o Caminho do Despertar

Saleyaka Sutta (MN 41) – Como as nossas ações, as palavras e os pensamentos determinam o nosso futuro, isto é, como o Karma funciona.

Chula-Malunkyovada Sutta (MN 45) – Está algo bem, apenas porque parece bem?

Kukkuravatiha Sutta (MN 57) – Se agirmos como um cachorro, nos tornaremos num cachorro. Precisamos escolher melhor e com mais cuidado as nossas ações.

Abhaya Sutta (MN 58) – Sobre se algo deve ou não deve ser dito. O quê e como devemos falar, lembrando que não são só as nossas palavras que falam, mas também os nossos actos.

Ambalatthiharahulovada Sutta (MN 61) – O Buda adverte o seu filho, o noviço Rahula, sobre os perigos de mentir e salienta a importância de constantemente refletir sobre as razões que nos levam a agir dessa forma.

Chula-Malunkyovada Sutta (MN 63) – Com a parábola dos feridos pela flecha, o Buda evita questões metafísicas que não fazem sentido e que nos incomodam, e que não vale a pena responder.

Aggi-Vacchagotta Sutta (MN 72) – Idem. Por que o Buda não possui qualquer conceção especulativa, mas apenas aponta o caminho da Libertação, para ser como uma tocha no meio das trevas. Metáfora da chama extinta, como símbolo do Nirvana.

Magandiya Sutta (MN 75) – Qual é a natureza do verdadeiro prazer e da verdadeira saúde?

Piyajatika Sutta (MN 87) – Como o Rei Pasenadi de Kosala, discípulo fervoroso do Buda, foi convertido ao Budismo graças a um truque da sua esposa.

Chanki Sutta (MN 95) – Os critérios para escolher um mestre adequado e como aprender melhor com essa pessoa.

Sunakkhatta Sutta (MN 105) – É apresentado o problema daqueles que superestimam o seu progresso no caminho da meditação. Aquele que busca o desenvolvimento e a iluminação da mente como uma licença para o comportamento irrestrito, é como alguém que não obedece, após uma operação cirúrgica, às instruções do médico; ou aquele que conscientemente bebe um copo de veneno, ou aquele que deliberadamente estende a mão para uma cobra venenosa.

Gopaka-Moggallana Sutta (MN 108) – Como eles viveram, qual foi a disciplina budista nos primeiros tempos, imediatamente após a morte do Buda.

Edição da obra completa do Tripitaka.

Chula-Punnama Sutta, Discurso Curto na Lua Cheia (MN 110) – Como reconhecer e tornar-se uma pessoa integral.

Anapanasati Sutta, Plenitude mental da respiração (MN 118) – Aulas práticas de meditação, usando a respiração como suporte.

Dantabhumi Sutta (MN 125) – O Buda explica como ele educa os seus discípulos, usando o símile de como um elefante é domesticado.

Baddhekaratta Sutta, Um Dia Auspicioso (MN 131) – Sobre a necessidade de fazer o esforço certo agora, para alcançar a visão interior. O agora é tudo o que temos, pois quem sabe se viveremos até amanhã?

Mahakamma vibhanga Sutta (MN 136) – Sobre as subtis complexidades de como o Karma funciona, a Lei de Ação e Reação, na Natureza e na moralidade.

Dhatu-vibhanga (MN 140) – Uma análise das propriedades. Discurso sobre as quatro determinações e as seis propriedades da experiência. Ele afirma que quem vê o Dharma o vê, isto é, Ele é uma encarnação da Lei, um Arquétipo da Mente Divina, um Raio da Luz Primordial.

Chachakka (MN 148) – Como a contemplação dos seis sentidos (os cinco sentidos mais a mente) leva à compreensão do não-ser e, finalmente, ao Despertar.

Mahasalayatamika (MN 149) – Como uma compreensão clara dos seis sentidos leva ao desenvolvimento das Asas do Despertar e da libertação final.

Indriya Bhavana Sutta (MN 152) – Sobre o desenvolvimento das faculdades adormecidas.

Aqueles que viveram no tempo do Buda e foram seus discípulos viveram tempos de Oportunidade. O karma abre e fecha as portas guiado pelo nosso próprio esforço e inteligência; ou tentando purificar-nos da nossa própria preguiça e ignorância. Como o tratado Mahayana Os Dois Sendeiros diz: A Roda do Karma mói durante a noite e mói durante o dia; e estamos condenados a beber até à última gota, amargo ou doce, cada uma das consequências dos nossos actos passados. Mas no meio desta Roda, tão implacável quanto justa; e cujo eixo imóvel repousa sobre o nosso próprio egoísmo, numa mente contaminada pelo desejo; a palavra dos Budas é uma voz que não repousa, é uma mensagem que não enfraquece, é uma música e uma sabedoria que é ouvida cada vez mais à medida que nos afastamos dos tumultos do mundo, na medida em que o olhar da alma penetra nas profundezas da verdadeira vida interior, isto é, nas profundezas de si mesmo.

Textos como o Sutta Pitaka, depois de mais de dois milénios e escritos para uma psicologia e mentalidade diferentes, ainda soam a sua verdade como sinos à noite, e chamam-nos para um destino melhor, para uma felicidade mais humana. O Dhammapada significa "o Caminho da Lei", quem pode rejeitar os seus ensinamentos? ▲

Notas:

[1] Cânone Pali, Chullavaga 11.1, citado em Filosofias da Índia de Heinrich Zimmer

[2] Um Arhat é um monge budista que alcançou a iluminação e assim se libertou dos laços do Karma.

[3] Idem nota 1

[4] Estes três últimos livros só são aceites como canônicos no budismo birmanês

MAHABHARATA
A GRANDE EPOPEIA DA ÍNDIA

Por José Carlos Fernández

O Mahabharata é uma das obras mais sublimes da Literatura e Religião de todos os tempos.

Com os seus cem mil versos, a elevação e complexidade dos temas tratados (em todos os âmbitos da vida) faz empalidecer a Bíblia hebraica e cristã e as obras como a Odisseia e a Ilíada.

H.P. Blavatsky disse que os Vedas foram a matriz do pensamento e mística onde beberam todas as tradições de quase todos os povos historicamente conhecidos. O Mahabharata, junto com o Ramayana, formam um "Quinto Veda" e os seus ensinamentos, dilemas morais, exaltações líricas e filosofia profunda elevam a alma do estudante onde talvez nenhuma outra obra chegou.

Tal como a Bíblia para os cristãos, é directamente de inspiração divina. O caudal indo-europeu que corre entre as suas milhares de páginas (quatro vezes a extensão da Bíblia) converte-o num cântico a tudo o que é justo, belo e bom, num quadro vivo do ideal heróico, de um sentido ígneo, poderoso e responsável da vida, que não é uma maldição senão uma maravilhosa oportunidade de triunfo, alegria, compreensão e redenção, de respeito a tudo o que vive, de fraternidade luminosa entre todos os seres humanos, filhos de uma mesma mãe Terra. Quão diferente do sentido de culpa de Adão e do trabalho como uma maldição, e do sexo – e quase o amor – como um tabu, no qual tem sido educado o mundo ocidental!

A Deusa Terra queixa-se ao Deus do Céu, Indra, de que as vidas contaminadas e ímpias, as insolentes atitudes humanas, que se multiplicaram como um vírus ou um cancro sobre ela, a estão a levar quase ao ponto de não retorno, até à extinção (que semelhança com o tempo atual!). Indra ordena que as almas dos Deuses encarnem na Terra para que, lutando entre eles, com as suas cortes de inúmeros guerreiros, a purifiquem. É a pureza através do sacrifício. Deste modo, no seio de uma família, e de um reino, cuja capital é Hastinapura (a Cidade dos Elefantes, ou seja, a cidade da Sabedoria), as tensões entre os 5 filhos de Pandu (divinos, justos, heroicos, luminosos) e os 101 de Dhritarashtra (fanáticos, mesquinhos, enraivecidos, turbulentos e egoístas) converte-se numa Grande Guerra que implica a Índia inteira. Metade da obra refere-se a como esta se gesta, e às tentativas de evitá-la, ao preço do que é justo.

Personagens da série Mahabharat, produzida pela Star Plus, canal indiano.
Da esquerda para a direita encontramos Duryodhana, Draupadi, Krishna, Gandhari e Arjuna.

A outra metade é a guerra propiamente dita, as lutas entre os diferentes heróis (símbolos de forças da natureza, estrelas, conceitos filosóficos, povos, etc.).

No meio, o sublime discurso filosófico da Bhagavad Gita. Em que, Krishna – como rei e como avatara de Vishnu, encarnação deste Deus que sustém o universo inteiro e guia como fio ininterrupto a acção até ao final – ensina a Arjuna, antes da batalha, no meio dos dois exércitos, os mistérios da alma humana, o sentido da vida e do dever, a estrutura da natureza, os degraus que levam à realização espiritual... e, o mais importante, porque deve lutar neste teatro cerimonial, que é o próprio drama da existência.

Como o tronco de uma árvore e a sua infinidade de ramos, grandes e pequenos, junto ao tema principal há centenas de histórias de um simbolismo, beleza e significado que comovem até ao mais íntimo de nós mesmos. Histórias que não só nos fazem pensar, mas também sorrir por dentro, ou chorar de compaixão, pelo seu dramatismo moral, trágico, próprio dos grandes heróis que não renunciam jamais aos seus princípios.

Quem sabe já tenha sido ensinado como referem alguns, no século IV a.C, ou quem sabe há mais de dois mil, ou dez mil anos antes (segundo estudos astronómicos de algumas das cenas), que a atualidade destes textos é tão grande quanto a sua beleza. Na primeira versão para televisão feita nos anos 1980 na Índia, aos domingos, antes do meio-dia, todo o país ficava paralisado, e o carácter devocional hindu, tão sincero, punha grinaldas no televisor como se fosse um altar. Pois a tais divinos ensinamentos e visões conduziam as suas imagens.

Na nova versão de 100 horas e 267 capítulos, a tecnologia moderna deu-lhe muitíssima mais vida, cor e realismo à narração. Um encantamento para a alma, para submergi-la nos seus próprios abismos de símbolos, e de ensinamentos, que reconhecemos como válidos, ontem, hoje e sempre, pois fazem soar a lira mágica do nosso coração.

Se ainda não o leste, ou não viste o filme, bem-aventurado tu, que vais realizar esta viagem, esta sagrada aventura. Pois vais pensar, rir e chorar com as cenas de Kauravas e Pandavas, o mesmo drama das batalhas no interior da alma humana. ▲

Bhagavad-gītā

A canção do Senhor

clássico do pensamento oriental

॥ श्रीमद्भगवद्गीता ॥ श्रीमद्भगवद्गीता ॥ श्रीमद्भगवद्गीता ॥ श्रीमद्भगवद्गीता ॥ श्रीमद्भगवद्गीता ॥ श्रीमद्भगवद्गीता ॥ श्रीमद्भगवद्

Bhagavad-gītā, uma jóia da humanidade, a sabedoria, o verbo, a harmonia ecoam no coração de Arjuna. Esse Arjuna que habita o coração de todo o humano.

Encomendas para: eranos@eranosmultimedia.pt

Lakshmi com Vishnu Narayana.

OS MIL NOMES DE LAKSHMI
A DEUSA DO AMOR

Por José Carlos Fernández

No Egipto, a grande deusa Isis, deusa do amor e Grande Mãe – que inspirou tantas deusas da antiguidade e até mesmo as imagens das nossas virgens cristãs – recebeu o apelido de "Deusa dos mil nomes" pelas infinitas formas que o amor e a vida assumem para se expressarem, e também por causa da grande variedade de nomes e modos pelos quais a Mãe do Mundo era adorada. O hieróglifo de Isis, formado pelo seu Trono-Escada (Rainha de tudo que tem vida, e caminho da ascensão das almas a Deus), pelo ovo (pois como este oculta e estimula a vida) e um semicírculo que representa tudo o que é feminino (imaginamos que o outro semicírculo seria masculino); incluiu os elementos fundamentais. Mas então, os epítetos e atributos desta Deusa e as suas variantes abrem-se com a mesma profusão que os ramos da Árvore da Vida que é.

Na Índia, a partir do período chamado pós-védico, encontramos, na sua literatura sagrada, extensas enumerações de nomes e epítetos dos seus deuses, que são, geralmente, chamados de "sahasranama" (literalmente "mil nomes").

Frequentemente existem 1008, ou 1033 nomes de um Deus, escritos sem explicações, um nome após o outro, até ao fim. No pensamento Indo-europeu, como vemos, por exemplo, na Ilíada, é normal ver o nome de Deus acompanhado por vários epítetos que pertencem, muitas vezes exclusivamente, apenas a esse Deus ou herói, como Hebe, "a das sandálias de ouro ", ou Aquiles, "o dos pés velozes", ou Afrodite, "a do trono de rosas", etc.

O primeiro sahasranama e o mais famoso é o de Vishnu, que aparece no Mahabharata, uma enumeração de mil nomes que é uma joia filosófica (e esotérica) porque, se Vishnu é o poder conservador da natureza, que é a Vida Universal, "que tudo preenche" (Vish), estes milhares de nomes são os atributos desta mesma Vida Una ou Luz Espírito-Matéria que na sua infinitude, enche os recetáculos dos infinitos seres vivos. O grande filósofo Vedântico Shankaracharya, fez apenas o seu primeiro comentário sobre o texto de Vyasa, explicando um por um todos os nomes deste Deus que juntamente com Brahma e Shiva formam a Trimurti Hindu.

Deusa Lakshmi, emergindo de uma flor de lótus

Posteriormente ao mencionado no Mahabharata, do deus Vishnu, temos, por exemplo, o sahasranama de Lalita – literalmente "a que joga", uma das formas de Parvati, a deusa consorte Shakti ou energia de Shiva- escrito no Brahmanda Purana, ou o sahasranama de Shiva no Mahabharata (livro XIII), ou o dedicado ao Deus da Sabedoria "que remove obstáculos" Senhor dos exércitos celestiais, Ganesha, o da cabeça de elefante. Também a seu irmão, o deus da guerra, Karttikeya, associado às Plêiades, ou, até mesmo, não só a deuses, mas também às suas encarnações ou avataras na Terra, como o sahasranama dedicado a Narasimha ("homem-leão") um avatara de Vishnu.

A enumeração pode ser cantada ou recitada, mesmo nos rituais de este deus. Exceto o mencionado do Mahabharata, pertencem ao género stotra ou devocional do período da literatura medieval e não aparecem nos primeiros textos clássicos.

Os Epítetos enquadram-se, por vezes, nas narrativas religiosas do deus em questão, ou, às vezes, são independentes, profundamente filosóficas e até mesmo esotéricas, deixando-nos espantados, como quando se chama a Lakshmi, "Senhora das Abelhas", "Eixo do Mundo" ou "Aquela que está no meio da batalha", ou "aquela que faz nascer as estrelas do seu coração".

Desta deusa, Lakshmi, há pelo menos dois sahasranama, um no Padma Purana [1] (Padma significa "Lotus" e é precisamente um dos nomes da Deusa do Amor) e outro no Skanda Purana (associado ao deus da Guerra, pelo que assume características mais shivaísticas).

Lakshmi é muito semelhante à deusa grega do amor, Afrodite, e à semelhança desta, também nasceu da espuma do mar. Ela, Lakshmi, transforma a espuma do mar em leite, quando os deuses e os asuras (os anti-deuses ou titãs) bateram as águas primordiais numa espécie de ritual para obter armas mágicas e tesouros divinos (o chamado Samudra Manthana) e evitar também a destruição do mundo. Curiosamente muitos dos epítetos são idênticos aos que recebeu Afrodite na religião grega e é impossível negar uma origem Indo-europeia comum.

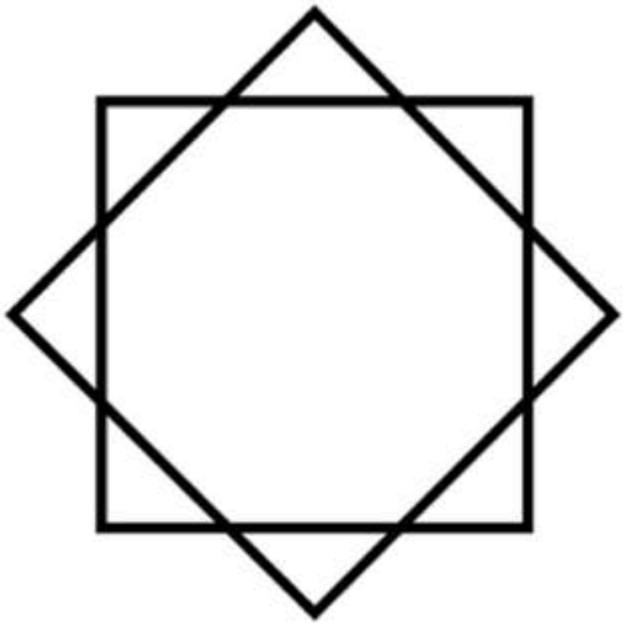
A raiz etimológica do seu nome é laksh e laksha, que significa "conhecer", "observar", "perceber", "compreender" e também "objectivo", "finalidade". A verdadeira fortuna e riqueza baseia-se em compreender e trabalhar em direção ao verdadeiro propósito da nossa vida.

Representa também a consciência, o conhecimento, a luz interior que permite desenvolver a verdadeira condição humana ou a vocação de cada um. O nome de Sri, com o qual a Deusa também é comumente conhecida, significa "prosperidade". Literalmente, ou etimologicamente, sri é "luz esplandecente", "radiação" e, portanto, "graça", "esplendor", "brilho", "beleza", "riqueza", "prosperidade", tornando-se um título de dignidade, como o Sir em inglês ou o Dom em português.

Lakshmi, além do amor, é a deusa das riquezas, do ouro e das joias, externas e internas. As suas vestes, vermelhas e douradas, referem-se à vida – vermelho, sangue – e à luz e riqueza, ao ouro, o mais nobre e mais forte de todos os metais. São mencionadas oito formas de riqueza, desde as monetárias (sinal da abundância), à pura do amor (Adi Lakshmi), passando por riquezas de continuidade (progênie, discípulos ou obras realizadas), de coragem, de fertilidade, de educação e conhecimento, de vitória e de sementes (riqueza do futuro). Ela está associada ao número 8 e à sua figura geométrica, chamada "estrela de Lakshmi", são dois quadrados entrelaçados (uma estrela octogonal), uma figura que H.P. Blavatsky associa a Vénus e à sua influência no seu planeta irmão, a Terra.

Bem, certamente Lakshmi é Vénus, o despertar da consciência humana, a luz inteligível que permite ser vivida graças a ela, a espuma branca do mar e as flores que, como as estrelas, enfeitaram a Terra com a sua beleza por dezenas de milhões de anos, quando o ser humano abriu os seus olhos para a vida, pela primeira vez consciente de si mesmo e do que o rodeava.

Cena do Samudra Manthana ou batida do oceano de leite entre Devas e Asuras, de onde emergem Lakshmi, o Amrita, as Armas Mágicas dos deuses, etc.



Estrela de Lakshmi, um dos símbolos que a identificam.

A sua principal festa é o Divali, o Festival das Luzes, realizado no outono (entre meados de outubro e novembro), durante cinco dias, é o Ano Novo Hindu, um dos mais belos festivais de folclore e religião. As casas são limpas e decoradas, acendem-se as luzes dentro e fora, as pessoas enfeitam-se com as suas melhores roupas, adoram a deusa, a mais auspiciosa do panteão hindu, e os presentes são trocados entre família e amigos. Sendo ela a deusa da riqueza, estes são os melhores dias para comprar e gastar. Oferecessem-se à deusa flores, incenso e moedas e são depositados nos rios sagrados barcos de papel ou lamparinas; quanto mais longe eles chegarem, maior será a fortuna do ano. As portas e as janelas são abertas para que as bênçãos do amor e da fortuna cheguem ao coração de cada um.

Voltando ao sahasranama de Lakshmi, e focando-nos no texto incluído no Skanda Purana, ela é chamada, entre muitos outros nomes, e sem ordem de importância

ANANTANITYA – "Sem fim e para sempre". Pois tudo nasce no e do amor, tudo volta a ele, tudo está permanentemente nele. E a mesma coisa, se em vez de dizer Amor, dissermos "Sabedoria" ou "Vida Una" ou "Movimento".

JANARANJANI - "A que faz as pessoas felizes" Pois representa a plenitude, a abundância, a verdadeira riqueza (do valor, da progênie, das virtudes, do conhecimento, etc.), enfim, tudo o que nos faz felizes.

Lembre-se de Aristóteles, quando na Ética a Nicómaco diz que todos os seres vivos procuram a felicidade, isto é, a plenitude, e que para o ser humano a plenitude é a "sabedoria", a luz da "compreensão", a experiência do "significado último" da vida (três outros nomes, precisamente, desta Deusa)

MAHAMAYA – "A Grande Encantadora", o jogo da vida e das formas que movem tudo para a frente, à procura da perfeição e da plena realização. A professora Delia Steinberg Guzmán, Mestre, com letras maiúsculas, do autor destas linhas, escreveu um livro maravilhoso sobre esse assunto, chamado, precisamente, "Os Jogos de Maya".

KALARATRI – "A Noite e o Tempo", uma bela maneira de mencionar a Grande Mãe ou Vida Universal, que é a matriz onde tudo nasce e se desenvolve. Lembre-se do magnífico poema de Novalis, o Hino à noite, ou Fernando Pessoa, de "Vem, Noite", aí estão as deusas do amor, do perdão, da redenção eterna, através da qual nada cai para sempre, nada perde seu curso para sempre, há sempre um retorno ao "Grande Refúgio" de todos os seres (outro nome de Lakshmi neste sahasranama).

KAMAKSHI – "A que satisfaz todos os desejos com o olhar," porque é a suprema beleza, o ideal que ilumina cada uma das nossas ações, o Graal da nossa existência (também chamada de "Cálice de ouro" ou "a portadora do Cálice de ouro").

UMA ou **PARVATI** – "Filha da Montanha", porque aqui a montanha ou Himavat é o que as tradições teosóficas chamam de "coração da Hierarquia" e da Pirâmide de Iniciados que, como Vênus, leva a luz de Deus aos corações humanos. Ela, a Deusa, simbolizaria a Luz que traz a sua mensagem de vida e amor, de vontade e inteligência.

LOKAMATA – "Mãe do Mundo" ou "Mãe de Todos os Lugares", porque tudo vive nela.

VELA – "A que vive no fio do tempo" pois como o traço de uma circunferência, acolhe o tempo no seu peito e tudo o que acontece dentro dele, mas também indica o brilho e a eternidade que em tudo vive. É, como a mente, que traduz as formas da eternidade no tempo, e que leva as mensagens do tempo à vida imóvel da memória [2], uma outra forma de eternidade, ou mesmo de essências. Assim como a espuma do mar morre na

Os deuses Vishnu e Lakshmi no Templo Birla em Jaipur.

praia, esta espuma, que é um símbolo da Deusa, a vida universal atinge o reino perecível, e dele se retira, fazendo voltar os seus filhos, que são como gotas de água, para o seu peito. ARUPA – "Sem forma", "Sem Limites ou Definições", como o Tao que Lao Tsé menciona, ou como a Vida-Una, que, no entanto, converte-se em milhares de existências com as suas formas e limites.

BAHURUPA – "Aquela que assume diversas formas" ou

VISWARUPINI – "Aquela cuja forma são todos e cada um dos seres", de "vish" – encher.

PANCHABHUTATMICA – "A Alma dos Cinco Elementos" é a própria alma da matéria e de todas as formas que ela assume.

KRIYASHAKTI – Literalmente "Poder de Ação". O poder da mente humana e divina que nos permite imaginar e criar, modelar a vida e as formas, vestindo-as primeiro da matéria dos nossos pensamentos e, depois, da matéria objetiva, para que se tornem fisicamente reais e sensíveis. Luz mental como poder de evocação, de criação.

SHANKYA – "Números", porque é, como a mente, a alma dos números e, como a luz, a que nos permite discernir as formas, sombras imateriais desses mesmos números.

SHUDDA – "Pura, limpa, livre de erros, verdadeira". O erro não está na mente, mas nas fantasias que projetamos nela. A felicidade está no amor e não nas sombras egoístas que nela projetamos.

TARA – "Estrela", pois é a Estrela da Salvação, Vénus, a mais bela do céu noturno, a estrela do amor e da luz mental.

DHARADHARA – "Apoia a quem suporta", isto é um dos seus significados, a "que segura a Terra", isto é, a sua Alma. Dhara significa tanto "aquela que suporta" quanto "a Terra".

BHAVA BANDHA VINASHINI – "A que destrói os laços da mente emocional", porque a sabedoria faz-nos quebrar estas correntes, e o amor transmuta a emoção em sentimento puro, que não mais se limita ou se acorrenta, mas se abre como uma flor para a beleza do universo.

YUDDHA MADHYA STHITA – "A que está no meio da batalha," como é a Glória, o Êxtase da Vitória sobre as nossas próprias limitações, é a Dama Ideal como a Dulcinea que acompanha D. Quixote nas suas aventuras e batalhas, o amor que destrói a prisão e liberta a alma.

SIMHI – "Leoa" é a Poderosa, a deusa egípcia Sekhmet, também "Leoa", e à qual os filhos do Nilo chamavam "a mais bela das deusas". É o poder da vida que impede que ninguém se perca, e evita-o nem que seja violentamente com as suas poderosas garras.

CHAKRADHARINI – "A que sustém a Roda", a Roda da Ação, ou a Roda da Terra, ou a Roda do Mundo Inteiro, ou a Roda do Karma, ou a da Lei e da Justiça, pois é o espaço em que tudo gira onde se encontra o alimento e energia para continuar a girar, evoluindo.

PRATYAK – Literalmente "para trás" ou "na direção oposta" ou "Oeste". Se está no Oeste, é Véspero, a estrela do entardecer, Vénus. Se está "para trás" vai em direção ao íntimo, ao amor, à compreensão, ao que está dentro, pois é o feminino, o interior de tudo, ela é a senhora de intramuros. Se é "na direção oposta" é porque todos se encontram, antes ou despois, com o amor, com ele se cruzam, ele revela-lhes o sentido íntimo da vida.

DVIMATRA – "A sílaba sagrada AUM (OM) duas vezes". OM é Deus, é o Poder da Criação (A), Sustentabilidade (U) e Destruição-Renovação (M), o Logos Platónico. "Duas vezes OM" significa que é o "Eco primordial" do poder divino, as concavidades do espaço em que reverbera, a Natureza como Espelho do Divino e que retorna a sua imagem, a Grande Matriz na qual a Voz Divina ressoa, e cujo eco é o filho, a luz, a coisa manifesta, o universo. Dvimatra também expressa o estado do sonho, o mundo interior, com imagens, o reino dos Ideais, imagens vivas, símbolos e veículos, portanto, dos Arquétipos Divinos.

TASYAI – "A Deusa que és Tu." Pois a consciência é o eu e o tu, o espelho onde se encontra. Esta Deusa ou Amor, ou Luz Espiritual, vive na intimidade de cada ser. É também o Tu, porque é o "Duplo Luminoso" que nos faz retornar ao reino celestial. Bem, ela também é chamada de "a Deusa que ensina o caminho certo".

HRIDISARVATARA KRUTI – "A que guarda as estrelas no seu coração", bela metáfora, não só como a noite, o símbolo do Eterno Feminino, mas porque é o bondoso poder que faz com que todos encontrem a estrela do seu destino no seu próprio coração "O lugar onde a luz está" (outro nome, JYOTIRVIDE).

MAHANIDRA – "O Grande Sonho", numa chave, a "morte", o grande descanso e o voltar para a essência, o Pralaya. Noutra, a essência da vida, ou a vida da essência, porque, como disse o professor Jorge Angel Livraga, "o rio corre porque sonha que corre" e nada existe sem ter sido sonhado antes. E o Sonho da Alma do Mundo é a Vida da Natureza.

MINANETRA – Netra significa "olhos, líder, guia" e Mina, "peixe".

Metaforicamente, olhos como peixe são as estrelas, no mar da noite. Também "peixe" é um dos mais antigos símbolos e nomes do planeta Vénus e da consciência luminosa que ele traz. Olho-peixe é Vénus, como guia ou duplo luminoso da Terra, de acordo com os antigos ensinamentos. O peixe-guia é a estrela que guia o nosso destino, é a sabedoria da luz que nos permite entender o significado de tudo. Lembre-se da famosa cena do Mahabharata pela qual Arjuna ganha Draupadi como esposa, que é o próprio fogo espiritual encarnado na forma de uma mulher. Ele tem que acertar com uma das suas flechas, a olhar através de uma lagoa que faz de espelho, no olho de um peixe que gira numa roda no alto. Bela metáfora que exigiria pelo menos um artigo inteiro para inserir suas evocações filosóficas.

Estes são apenas alguns, muito poucos, dos mil nomes com que os sábios da Índia chamaram Lakshmi, a deusa do amor. Que infinita filosofia está por detrás deste discurso de epítetos e nomes, que são como portas de ouro que nos permitem, não só aprofundar a sua literatura, mas também as profundezas de nós mesmos! ▲

Notas:

[1] Os Puranas, literalmente, "antigos" são textos mitológicos do período Brahmanico onde estão expostos, em relação a um Deus, os processos cosmológicos, a criação do homem, genealogias divinas, lendas heroicas e eventos sob um véu alegórico quase impenetrável, de modo profuso.

[2] SMRITI, "Memória" é outro dos nomes da Deusa neste Sahasranama do Skanda Purana.

pandava
a sabedoria da índia

PRÓXIMO NÚMERO

O QUE É O KARMA

O SONHO DE RAVANA E AS DOENÇAS DA ALMA

UM VERSO ENIGMÁTICO DA BHAGAVAD GITA

ENSINAMENTOS DE BUDA SOBRE O TAMANHO DO ÁTOMO

BUDA E O TRIPLO FILTRO DE SÓCRATES

POR GRUTAS E SELVAS DO HINDUSTÃO

O ABHAYARAJAKUMARA SUTTA

Pandava é uma revista inteiramente realizada
por voluntários da Nova Acrópole de Portugal

www.nova-acropole.pt